



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

RAFAEL ANGELO DA PAIXÃO

LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO COM ALUNOS
INGRESSANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE
EDUCAÇÃO/UFRJ

Rio de Janeiro

2019

RAFAEL ANGELO DA PAIXÃO

**LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO COM ALUNOS
INGRESSANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE
EDUCAÇÃO/UFRJ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciene Cerdas

Rio de Janeiro

2019

RAFAEL ANGELO DA PAIXÃO

**LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO COM ALUNOS
INGRESSANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE
EDUCAÇÃO/UFRJ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Prof.^a Dra. Luciene Cerdas

Professor (a) Convidado (a): Prof. Dr. Marcelo Macedo Corrêa e Castro

Professor (a) Convidado (a): Prof.^a Dra. Mônica Hourí

Rio de Janeiro

2019

Dedico este trabalho a todos os ingressantes do curso de Pedagogia da UFRJ que contribuíram muito para a construção desta pesquisa.

Agradecimentos

Não há como não ser grato por inúmeras pessoas que atravessaram a minha trajetória acadêmica e foram essenciais para que eu pudesse, enfim, chegar até esta etapa final. Sem elas, talvez, isso não seria possível, pois a singularidade de cada um deixou marcas e grandes aprendizados contribuindo para o que sou hoje.

Agradeço a Deus, primeiramente, por ter me concedido força e por não deixar que a minha fé fosse abalada por tantos obstáculos que se fizeram presente neste caminhar.

Agradeço à minha vó Aideléa pelo amor, pelo cuidado, pelo incentivo de todos os dias, desde o momento que abro os olhos para enfrentar o corriqueiro dia que está a minha espera.

Agradeço à minha irmã, que durante minha trajetória na faculdade, sempre me apoiou e para além disso me deu o mais lindo e mais belo presente que eu poderia ganhar.

Agradeço aos meus pais que me auxiliaram até neste momento.

Agradeço aos meus afilhados que são minhas maiores inspirações e que afloram em mim os mais belos sentimentos.

Agradeço aos meus familiares que torcem para que eu consiga trilhar um caminho em que o êxito seja sempre uma constante.

Agradeço aos meus amigos fiéis que muito ouviram meus lamentos durante a minha passagem pela UFRJ.

Agradeço a UFRJ por ter aberto as portas para mim e por ser uma Instituição pela qual eu tinha uma grande admiração antes de adentrar as suas portas, e com a minha entrada a admiração só aumentou apesar dos percalços que enfrentamos na graduação.

Agradeço aos amigos que fiz para a vida nesta Instituição: Taís Souza, Ana Caroline, Fernanda Meirelles e Jaqueline Soares. Foram elas que no decorrer dessa caminhada dividiram as dores e as delícias do dia a dia na Praia Vermelha. Com elas, eu pude compartilhar para além das obrigações acadêmicas, mais sobre vida e mais sobre o afeto e construir uma linda e firme amizade.

Agradeço aos que permaneceram da turma que iniciou seus estudos na Faculdade de Educação no ano de 2013.2. Minha relação para com todos que embarcaram comigo nessa nova realidade é de um extremo carinho.

Agradeço aos professores desta Instituição que muito me ensinaram e contribuíram diretamente para a minha formação.

Agradeço à minha orientadora Luciene Cerdas, pela parceria e pela paciência que dedicou à construção deste trabalho. Para além da orientação, tive a oportunidade de ter como minha professora na caminhada acadêmica por três vezes e, sem dúvidas, muito compartilhou comigo, nesta relação professor-aluno, seus conhecimentos e muito despertou em mim uma admiração profunda pela forma que dialoga com seus alunos e sua dedicação e amor pela docência.

Por fim, agradeço ao maior presente, que por intermédio da minha irmã, chegou ao mundo. Um presente que recebi, eu estava no meio da graduação. Sabe-se bem que a realidade acadêmica tem suas adversidades e muito da minha perseverança nessa caminhada tem muito deste presente. A vida mudou e esse é o presente que impulsiona os meus sonhos e o meu foco para alcançar meus objetivos. O presente que eu preciso agradecer todos os dias e o presente que na dificuldade me mostra os motivos para prosseguir. Maria Flor, mesmo tão pequena, me faz acreditar que todo caminho escolhido para traçar vale a pena. Mesmo tão pequena, sabe da força que ela representa para mim.

Resumo

A presente monografia tem como objetivo analisar a relação que os alunos, ingressantes no curso de Pedagogia da UFRJ, estabelecem com a leitura e escrita na Universidade, no processo de apropriação dessa outra linguagem que é a acadêmica, ausente em suas experiências anteriores na educação básica. Para isso, o referencial teórico da pesquisa contempla autores que estudam a temática como Castro e Amorim (2017), Castro (2011), Fischer (2007), Fischer (2008), Juchum (2016), entre outros. Além disso, foi aplicado um questionário com perguntas fechadas e abertas, do qual participaram 70 alunos dos primeiros períodos do curso de Pedagogia. Os dados coletados foram organizados em gráficos e tabelas e analisados a partir das questões que nortearam a pesquisa, bem como do referencial teórico. A partir da análise realizada foi possível traçar o perfil desses alunos ingressantes no curso de Pedagogia, sua relação com a leitura e escrita na Universidade, a relação do professor com as práticas de leituras e escrita em sala de aula e a visão deles sobre como são trabalhadas a leitura e a escrita no curso. Entre os aspectos analisados, os estudantes revelam ter dificuldades com as atividades de leitura e escrita no curso, relacionadas, por exemplo, à produção dos textos solicitados pelos professores. Assim, entende-se que as vivências e singularidades dos alunos ingressantes precisam ser consideradas pela Universidade, pensando em estratégias que atendam suas necessidades, dialogando com esses sujeitos em processo de letramento acadêmico.

Palavras-chave: Leitura e Escrita; Universidade; Letramento

Sumário

Introdução.....	9
1. Os Desafios da leitura e escrita no contexto da Universidade	12
2. O corpo discente e a sua relação com a leitura e escrita ao ingressar na Universidade.....	23
2.1 – Perfil do aluno ingressante do curso de Pedagogia/UFRJ.....	24
2.2 – Como o corpo discente percebe a sua relação com a leitura e escrita na Universidade	29
3. A relação do aluno com o professor na Universidade	40
3.1 – Disciplinas que focam nas práticas de leitura e escrita	43
3.2 – O que os alunos sugerem para as práticas de leitura e escrita estarem mais presente na Universidade?	44
Considerações finais.....	49
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	52
APÊNDICE 1.....	53

INTRODUÇÃO

A elaboração da presente pesquisa partiu dos incômodos aflorados no decorrer das minhas vivências durante o curso de Pedagogia. Muitos percalços surgiram durante todo esse tempo, mas foi das minhas experiências com a escrita acadêmica no início da graduação que busquei a motivação para realizar a pesquisa.

Ao ingressar na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, muitos questionamentos surgiram durante os primeiros passos dados nesta Instituição. São várias indagações, que colaboram para esses questionamentos. A partir da minha vivência, enquanto aluno ingressante, o que mais marcou esse início da minha trajetória acadêmica foi a dificuldade que muitos alunos sentem, assim como eu, em se habituar com a leitura e escrita que fazem parte do universo acadêmico.

Com isso, essa pesquisa visa focar na realidade de alunos que estão entrando na graduação, tendo que se adaptar a um novo contexto, em especial da leitura e escrita acadêmica.

A grande quantidade de textos que passamos, enquanto alunos de uma Universidade, a ter contato, gera um estranhamento no início. Textos com uma linguagem totalmente diferente do Ensino Médio e de outros espaços que se tem acesso à leitura. As produções acadêmicas exigem também que a escrita tenha uma linguagem própria à Universidade.

Partindo de um contexto em que o corpo discente, que vem de outros letramentos, tem contato com uma linguagem mais específica, ou seja, uma linguagem acadêmica, a leitura dos textos usados em sala de aula e as produções escritas realizadas nas diferentes disciplinas, trazia à tona um grande desconforto aos alunos inseridos nos primeiros períodos da Universidade. Imersos em um “desespero” quase que comum, o corpo discente carecia de um direcionamento acerca de como se adaptar com uma leitura e escrita tão específica como é a do Ensino Superior.

Há por parte da Universidade uma falta de diálogo com o aluno ingressante no que tange à linguagem acadêmica. Uma linguagem específica, que o aluno precisa se familiarizar de uma hora para outra, só que esse processo não se dá com rapidez e acaba que muitos alunos sentem dificuldades nessa adaptação.

Na Faculdade de Educação, temos uma grade de disciplinas, em que poucas são as que dão atenção específica para a prática de escrita e aprimoramento da leitura. Na verdade somente uma disciplina, que não é obrigatória, que é Leitura e Produção de Textos em Educação. Acredito ser necessário que houvesse em todas as disciplinas um momento que estas práticas fossem discutidas e apresentadas aos alunos, para que se houver dificuldades, ele possam solucioná-las.

Dessa forma, surgiu a vontade de pesquisar sobre quais as grandes dificuldades do corpo discente em se apropriar da leitura e escrita acadêmica, os motivos que causam essa dificuldade, o estranhamento e desconforto do aluno ingressante que se depara com uma linguagem totalmente específica, e se essas dificuldades têm relação com sua formação pessoal e escolar. Dentre tantas vivências e movido pelos estudos que abordam o letramento acadêmico, pretendo compreender neste projeto a realidade dos alunos em relação ao letramento acadêmico que fazem parte do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Verifica-se que o letramento acadêmico deve ser investigado para que estudos possam contribuir com essa temática e para que haja um aprofundamento sobre a relação do aluno ingressante com a leitura e escrita na Universidade e como eles se sentem nesse espaço com uma linguagem majoritariamente acadêmica. Sendo assim, esta pesquisa surge da seguinte problemática: como o corpo discente ingressante no curso de Pedagogia da UFRJ se relaciona com a leitura e a escrita no processo de apropriação da linguagem acadêmica no início da trajetória universitária?

Para dar conta de investigar este problema, os estudos ao decorrer da pesquisa buscam-se responder às seguintes questões:

O que é e como se caracteriza o letramento acadêmico?

Como o corpo discente investigado percebe a sua relação com o letramento acadêmico?

Até que ponto as dificuldades presentes na relação que o aluno constrói com a leitura e escrita acadêmica resultam de sua formação pessoal e escolar anterior à Universidade?

É necessário que sejam implementadas disciplinas obrigatórias que tratem especificamente das práticas de leitura e escrita no currículo do curso de Pedagogia da UFRJ?

O objetivo central da pesquisa é analisar a relação que os alunos ingressantes estabelecem com a leitura e escrita na Universidade, no processo de apropriação dessa outra linguagem que é a acadêmica, ausente em suas experiências anteriores na educação básica.

A partir disso, a pesquisa tem como objetivos específicos: aprofundar o conhecimento sobre o que é o letramento acadêmico, identificar se o corpo discente da Faculdade de Educação da UFRJ tem dificuldade ou não referente à prática de leitura e escrita acadêmica, conhecer a trajetória da educação básica do corpo discente ingressante da Faculdade de Educação e sua relação com a prática de leitura e escrita durante sua formação anterior e analisar no Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia UFRJ, para verificar se há disciplinas que ofereçam formação para alunos acerca da leitura e escrita acadêmica. Espera-se contribuir, através deste estudo, com uma reflexão sobre letramento acadêmico e sua relação com os alunos ingressos na Universidade.

O desenvolvimento da pesquisa se escora em referenciais teóricos que estudam o letramento acadêmico e a leitura e escrita na Universidade. Dentre eles, Castro e Amorim (2017), Castro (2011), Fischer (2007), Fischer (2008), Juchum (2016), entre outros que auxiliaram e dialogaram com suas respectivas abordagens diretamente com a construção desta pesquisa. Esses autores ressaltam a leitura e a escrita no Ensino Superior, dissertam sobre as implicações do letramento acadêmico e apresentam debates sobre os alunos que ingressam na Universidade.

Este trabalho é estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo é abordado o referencial teórico que embasa a temática da pesquisa, que se debruça sobre o letramento acadêmico e sobre como esse está relacionado com os estudantes ingressantes que compõem o contexto da Universidade. No segundo capítulo, contempla-se a coleta e a análise dos dados obtidos através do questionário utilizado na construção da pesquisa. No terceiro capítulo, salienta-se a relação do aluno com o professor na Universidade e os participantes da pesquisa trazem sugestões que contribuíram para a construção da pesquisa. Por fim, apresenta-se as conclusões e os achados referentes a esse estudo.

1. OS DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE

Este primeiro capítulo irá abordar as discussões que embasam e dão suporte a essa pesquisa a partir do referencial teórico estudado. Além disso, apresenta-se, inicialmente, como é definido o conceito de letramento de uma forma mais abrangente, para, assim, apresentar o conceito de letramento acadêmico e suas relações com a vivência dos alunos na Universidade.

Pensar o espaço da Universidade é fundamental para que se possa aprofundar o conhecimento sobre a pluralidade dos sujeitos que constroem e reconstróem este lugar de vivências que ficam entrelaçadas à identidade desses indivíduos que presenciam todas as questões que estão envoltas neste âmbito. Acredito que, neste lugar, muitos sujeitos sentem-se marcados pela inserção em uma Universidade renomada do cenário brasileiro, como é a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ao atingir o sonho de adentrar no contexto acadêmico, muitos se deparam com uma realidade que não se compara à da educação básica, e começam a enxergar com certo estranhamento a linguagem utilizada na Universidade, enfrentando, assim, dificuldades em relação a leitura e a escrita nesse novo espaço que passam a frequentar diariamente.

Dentre as dificuldades que surgem, Castro e Amorim (2017, p.53) revelam os conflitos dos estudantes ao ingressar na Universidade:

O primeiro conflito se daria pela ruptura dos gêneros escolares com os gêneros acadêmicos, o que geraria um segundo: a não correspondência dos graduandos às atividades solicitadas, devido à sua falta de conhecimento prévio, o que lhes impediria de ter um engajamento nas práticas discursivas do domínio acadêmico.

Essa relação não é concebida de uma maneira simples, já que as produções escritas e as leituras feitas neste contexto trazem uma linguagem científica à qual o sujeito precisa estar familiarizado para obter um bom entendimento das discussões realizadas a partir da sua interpretação. Caso contrário, a leitura e a escrita, necessárias ao aluno, tornam-se um entrave a sua formação no Ensino Superior.

Como reflete Juchum (2016, pág.16), “A universidade, contexto de práticas de leitura e de escrita, constitui-se como um dos lugares privilegiados para o estudante adquirir e

produzir conhecimento.” No entanto, esse lugar de privilégio, ao qual muitos indivíduos sonham alcançar e adquirir conhecimento, é um lugar também onde é preciso refletir sobre esses anseios que o aluno traz de fora dele, levando em conta também as adversidades que esse aluno irá encontrar, e como ele vai buscar a solução para atender aquilo que trata como dificuldade, principalmente, nesse novo contexto da Universidade.

Ressaltamos que com a ampliação do acesso ao Ensino Superior, essas dificuldades tornam-se mais aparentes, já que as camadas populares passam a ter acesso a essa comunidade que domina uma linguagem específica, que é acadêmica. Juchum (2016, p.30), em comparação a outros países, aponta que no Brasil há “problemas de adaptação dos estudantes às práticas acadêmicas, principalmente, relacionados à escrita”, a partir do ingresso de grupos minoritários na Universidade. A ampliação do acesso ao Ensino Superior não resolve essa questão, acreditamos que a Instituição possa elaborar práticas que atendam as especificidades dos alunos quanto aos problemas que enfrentam na relação com a leitura e a escrita.

Nesta pesquisa vamos focar as questões envolvidas no acesso do estudante aos textos acadêmicos que possibilitam ao aluno se inserir e se familiarizar com o campo da cientificidade e são como mediadores para aprendizagem, mesmo que essa inserção, sob o meu olhar, e na dos autores lidos, não se dê de uma forma tão simples e, sendo difícil ser entendido por quem está lidando com essa realidade em um primeiro momento.

Considerando o texto acadêmico, sua produção se justifica por inserir os alunos nessa comunidade e proporcionar-lhes o contato com a linguagem e com o discurso típicos dos textos que nela circulam; justifica-se também por possibilitar a divulgação e vulgarização do saber científico, porque funciona como uma espécie de textos que mediam, em certo momento de aprendizagem e para algumas atividades, o acesso a formulações e gêneros de textos pouco comuns no cotidiano da vida acadêmica. (RODRIGUES, 2012, p.67)

A discussão majoritariamente na monografia vai se debruçar sobre leitura e escrita nas produções acadêmicas e a relação dos alunos ingressantes na apropriação dessa linguagem no curso de pedagogia. Entende-se que há um certo distanciamento do aluno para com essa linguagem científica que é predominante na Universidade. Além disso, há de se discutir o letramento acadêmico, a expansão do Ensino Superior, as possíveis dificuldades e implicações que o aluno estabelece com a leitura e a escrita e os gêneros escritos que fazem parte desta realidade.

É de extrema importância refletir sobre a leitura e escrita no Ensino Superior e se torna cada vez mais essencial perceber a relação dela com os sujeitos que compõem este espaço. Para além disso, essa temática tem sido objeto de estudo de variados autores.

Segundo Fischer (2008, p.178), apresentar uma definição para letramento não é uma tarefa simples “por indicar a orientação e a constituição de pessoas marcadas pela história, por aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais.”

Pensar no letramento como prática social é fundamental para que se possa valorizar os indivíduos inseridos dentro de uma sociedade, que possuem suas histórias de vida e a sua leitura própria do mundo que os cerca. Sendo assim, cabe repensar as práticas que são utilizadas em determinados contextos, visto que o convívio social dos sujeitos se reflete diretamente na relação que o próprio estabelece com a leitura e escrita.

Freire (2011), em seu texto “A importância do ato de ler”, nos faz refletir sobre a relação do indivíduo com a escrita, dizendo que a leitura de mundo precede a leitura da palavra e ao se apropriar da leitura da palavra, altera sua leitura de mundo. Comparando com a realidade dos estudantes ingressantes do Ensino Superior, eles vão se apropriando dessa outra linguagem, da “leitura da palavra”, ampliando sua leitura de mundo, mas essa dinâmica não se faz sem dificuldade.

Apesar de não ser uma tarefa fácil, como explicitado anteriormente, é preciso de antemão ressaltar conforme apresentado por Magda Soares (2004), que o conceito de letramento surgiu nos anos de 1990 na linguagem da educação e das ciências linguísticas. Sobre a necessidade desse termo ter surgido, a autora explica:

Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização. Esses comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas na e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar – no sentido tradicional – a criança ou o adulto. (SOARES, 2004, p. 96 e 97)

Com base no que Soares diz, é essencial que se tenha um olhar para o processo de alfabetização entendendo que é necessário que o termo letramento tenha espaço para que seja

estudado e investigado e, assim, possamos compreender e valorizar não somente o domínio alfabético e ortográfico, mas também os comportamentos e práticas sociais que fazem parte da vida dos indivíduos que estão passando por tal processo. Entender, quando desempenhando o papel de educador, que o contexto social em que esses indivíduos estão inseridos não se torne algo distante do que é aprendido em sala de aula, principalmente, quando falamos de uma alfabetização no molde tradicional, em que a bagagem de saberes desses sujeitos tende a ser ignorada.

Visando entender o que é letramento acadêmico, para além das dificuldades concebidas pelos estudantes quando entram na Universidade, mas dentro da amplitude de leituras realizadas que enriqueceram o conhecimento sobre o tema, a definição de letramento acadêmico é apresentada por Fischer (2007):

[...] **o letramento acadêmico** – justifica-se, porque o domínio social em destaque é o acadêmico/universitário. Apesar de a denominação letramento acadêmico ser perfeitamente plausível a outros contextos, que envolvam ambientes e práticas formais de escolarização (Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de jovens e adultos etc.), quer-se ressaltar particularidades da esfera acadêmica no âmbito de cursos de graduação. As particularidades, dentre várias que poderiam ser elencadas, dizem respeito, neste trabalho, ao uso das linguagens - especializadas, contextualizadas - **no domínio acadêmico**. (FISCHER, 2007, p. 44 e 45, grifos do autor)

O uso de linguagens especializadas, traz a noção de que as linguagens que circulam fora da Universidade não são consideradas na Universidade. Portanto, é necessário que os saberes que advêm de fora da Universidade e os saberes aos quais o sujeito terá acesso quando inserido na Instituição, precisam se complementar e fazer com que o aluno não se sinta distante da realidade em que vive e ao grupo social a que pertence. Sendo assim, deveria levar em consideração os diferentes letramentos trazidos pelos estudantes e ajudar a compreender as características próprias do letramento que produz conhecimento teórico.

Percebe-se que todo indivíduo que ingressa na faculdade é letrado e possui um certo domínio da escrita que são inerentes aos contextos sociais nos quais estão inseridos em sua vida no cotidiano e isso se reflete quando alcançam a esfera acadêmica que contém um outro tipo de linguagem. Nesse sentido, nossa pesquisa investigou as experiências pregressas dos estudantes com a leitura e escrita, bem como o contexto de sua formação anterior, buscando pistas sobre suas práticas de letramento.

Os seus saberes adquiridos para além dos muros da Universidade precisam ser valorizados tanto quanto seus os saberes que serão adquiridos dentro da Academia. Segundo Fischer (2007, pág. 28), “A constituição do sujeito enquanto ser social e letrado, então se dá continuamente ao longo de um processo de vida”. A inserção na Universidade é mais um passo nesse processo.

Como o letramento acadêmico não está centrado apenas nas necessidades dos alunos da Universidade, é importante ressaltar os letramentos acadêmicos, no plural, que visam entender questões mais amplas que envolvem a escrita acadêmica, conforme expressa Juchum (2016):

Considerar os contextos específicos nos quais a escrita aparece é entender que o letramento acadêmico não é um fenômeno em que apenas as necessidades do estudante são enfatizadas, o que justifica, em geral, o uso do termo “letramento acadêmico”, no singular. Pelo contrário, considerar as especificidades dos contextos significa entender os letramentos acadêmicos, no plural, a partir de questões mais amplas que permeiam a escrita acadêmica, a exemplo das práticas institucionais e das questões de poder. (JUCHUM, 2016, p. 29)

Sobre a relação do estudante com o contexto da Universidade da qual faz parte, Cruz (2007, p. 7), afirma que o “letramento acadêmico não pode ser uma prática de escrita neutra e desvinculada do contexto de usos”. A autora ainda reflete que “as práticas letradas da academia são práticas sociais, por isso variam em função do contexto, da cultura e do gênero que se inserem”. Cruz (2007) nos leva a refletir que se o indivíduo transfere seu conhecimento de escrita de um contexto para o outro, logo ele percebe que o letramento acadêmico não é neutro e os seus conhecimentos irão atuar junto com o conhecimento adquirido na Universidade, mesmo que haja uma grande dificuldade de se adaptar a esta nova realidade e a essa nova linguagem da qual está fazendo parte.

Os estudos voltados para o letramento acadêmico, aos poucos, estão tomando uma proporção maior. Os motivos para que as pesquisas sobre o letramento acadêmico estejam crescendo no cenário brasileiro se dá pelas aparentes dificuldades que o corpo discente vem enfrentando neste espaço em relação à linguagem acadêmica.

No entanto, “entre as razões para a relevância que a temática tem assumido está a questão das dificuldades apresentadas pelos alunos quando precisam lidar com atividades que envolvem a leitura e a escrita no contexto acadêmico”. (JUCHUM, 2016, p. 16). Com a inserção de grupos minoritários no Ensino Superior, torna-se perceptível que há “práticas acadêmicas prestigiadas e consolidadas, que supostamente são compartilhados por todos, mas que não são de conhecimento desses grupos.” (JUCHUM, 2016, p. 30)

A grande inserção de indivíduos na Universidade pelo Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), abre as portas para alunos, que correspondem as classes populares, adentrarem e ter direito a cursar o Ensino Superior. Assim, Mello (2017) destaca que os estudos sobre as especificidades de leitura e escrita, chamados de letramento de domínio acadêmico, despontam com mais força a partir dessa massificação através de diversos programas de democratização de acesso ao ensino.

Para além da inserção de alunos nas Instituições públicas de Ensino Superior, Juchum (2016) aponta o cenário das faculdades privadas, onde também houve uma crescente no número de alunos a partir do surgimento de alguns programas de financiamento, visando a entrada de indivíduos que não tinham acesso até então ao Ensino Superior. Houve, a partir do ano de 2005, nas faculdades privadas um grande aumento do número de alunos que começaram a adentrar o âmbito universitário, com a implantação de programas federais como o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies). Esses programas facilitaram a entrada de alunos de baixa renda e classes menos prestigiadas a ocuparem o lugar na Universidade com concessão de bolsas parciais (50%) e integrais (100%).

Nesse sentido, os alunos esbarram com uma linguagem mais especializada, que se constitui um dos principais obstáculos encontrados por esses estudantes, que acabam lidando com um estranhamento, pois não são as mesmas práticas de leitura e escrita utilizadas na educação básica. Os textos científicos que se têm contato dentro da academia tem uma linguagem difícil de ser compreendida e os alunos, especialmente os dos primeiros períodos da faculdade, não se sentem familiarizados com eles, apresentando dificuldades na sua compreensão, mas também em adequar sua escrita aos gêneros específicos trabalhados, tais como resumos, resenhas, apresentações em PowerPoint, entre outros.

A dificuldade se acentua na Universidade pela presença de textos com informações e linguagem adotada de uma forma mais densa e mais difícil de ser interpretada e compreendida de forma que o aluno não consegue construir algo a partir dessa ação de ler, escrever, entender e realizar atividades a partir do texto lido com certa autonomia. De acordo com Cruz (2007), há uma grande dificuldade percebida no contexto acadêmico pelo corpo discente que é a construção de significados para a leitura, o que ocasiona dificuldades na produção de uma escrita acadêmica.

Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2005, p.92), apud Fischer (2007, p. 18):

Alunos encontram dificuldades, de modo geral, quando se defrontam com a necessidade de produzir textos pertencentes a gêneros da esfera tipicamente escolar e/ou científica. Dentre essas dificuldades, uma que nos parece poder ser enfrentada é a falta de ensino sistemático desses gêneros, pois o aluno se depara frequentemente com a obrigação de saber escrever algo que nunca lhe foi ensinado.

A transição do Ensino Médio para o Ensino Superior, que são universos distintos, com práticas letradas distintas, faz com que os docentes de Instituições de Ensino Superior não enxerguem com cautela as dificuldades que o aluno traz na bagagem da educação básica. São indivíduos plurais, cada um com seus saberes.

De acordo com Russell, em entrevista concedida a Ramos e Espeiorin (2009), afirmou em entrevista, que a escrita adotada na Universidade é muito mais especializada do que na escola secundária. Uma prática a ser utilizada nas Universidades seria o docente explicar as habilidades e auxiliar no desenvolvimento das atividades propostas. O autor ainda reflete que não é preciso ensinar como escrever, parecendo uma fórmula ou uma receita, mas sim ampliar o repertório de estratégias de comunicação. Faz-se necessário que aprendam novos vocabulários que são inerentes ao contexto acadêmico e ainda precisam conhecer novos gêneros e formas. Como mencionado anteriormente, os alunos, por vezes, não possuem essa base, pois a relação com a escrita e a leitura em sua formação anterior, não foi suficiente para suprir suas necessidades nesse novo contexto.

De acordo com Fischer (2007), é preciso partir de algumas análises para compreender o ingresso do aluno na Universidade.

Para se compreender com mais especificidade - e com apoio em uma perspectiva sócio cultural do letramento - como se dá a tentativa de inserção

dos ingressos em um curso de graduação, que conflitos e como são desencadeados nesta dinâmica, vários aspectos necessitam ser analisados. Incluem: o conhecimento de identidades mais relevantes que marcam a constituição letrada dos alunos ingressos; os propósitos de eles estarem em determinado curso de graduação; a forma como o professor realiza as orientações de letramento, considerando os interesses, propósitos dele como profissional habilitado nas áreas em que leciona e os interesses dos alunos; os eventos de letramento, as interações e os movimentos dialógicos desencadeados em sala de aula, que reforçam a constituição letrada dos alunos no percurso inicial de participação na esfera acadêmica. (FISCHER, 2007, p. 21)

É essencial, como parte da Instituição de Ensino Superior, que o professor, percebendo as dificuldades para se adaptar à linguagem acadêmica que é utilizada nesse espaço – cujo acesso é um direito conquistado -, reflita sobre as práticas que são pensadas para este espaço com o intuito de contribuir para diminuir dúvidas e sanar dificuldades existentes. A Universidade quando flexível ao diálogo pode ser que encontre possibilidades para trabalhar essa problemática discutida, que é a tarefa de colaborar no processo do aluno conhecer e se apropriar da linguagem acadêmica.

De acordo com Fischer (2007):

Se a universidade aceitar passivamente que os alunos ingressantes na esfera acadêmica têm muitas dificuldades de interagir em eventos de letramento, continuará desconsiderando a formação, as experiências e os conhecimentos prévios que os constituem como sujeitos letrados. (FISCHER, 2007, p. 21)

Pensando nesta realidade, baseado nessa afirmação de Fischer (2007), como não considerar e se mobilizar para alcançar esses alunos dentro de uma Instituição de ensino? Essa indagação é pertinente, pois há que se pensar modos de fazer que possam atingir esse aluno e os objetivos da sua formação acadêmica. Faz-se necessário potencializar e valorizar o que esse aluno adquire para além dos muros da Universidade. Se assim não for possível fazê-lo, como destaca a autora, o conceito de letramento não está presente nas práticas da Instituição, anulando todo conhecimento prévio que constitui o sujeito como letrado.

A formulação de práticas que possam facilitar o aluno com essa nova linguagem deveria ser pensada com mais frequência neste espaço. Pensar em novas formas de inserir este estudante dentro desse contexto e, dessa forma, fazer com que o aluno se sinta pertencente a este lugar, obrigatoriamente, deveria ser uma prática recorrente. No entanto, parece que a dificuldade existente em relação a leitura e a escrita nem sempre é algo dialogado e muito pouco se debate na Universidade sobre práticas eficazes que possam fazer com que estes

estudantes sintam-se contemplados e, assim, desconstruir a ideia de que é impossível construir textos acadêmicos ou fazer a leitura de um texto científico e compreendê-lo totalmente.

Nessa situação, como sujeito, o aluno silencia e não se apropria dos saberes que serão oferecidos dentro deste espaço, pois “as propostas de escrita constituem-se como práticas distantes de suas vivências, de sua história, de seu mundo; quando o saber discursivo que torna possível todo dizer é sufocado pelo medo de dizer, gerando espaços de silêncio.” (SILVA, 2015, p.7)

Tratando especificamente do curso de Pedagogia oferecido pela UFRJ, em minha experiência como aluno não vivenciei estratégias que atendessem às necessidades os alunos com uma grande dificuldade em relação a leitura e a escrita. No currículo do curso há apenas uma disciplina que atende por Leitura e Produção de Texto em Educação, que ainda assim, não é uma disciplina que consta na grade obrigatória do curso, mas que é oferecida como eletiva, ou seja, o corpo discente pode cursá-la no momento que desejar ou simplesmente não cursar. Aliás, não são em todos os semestres que esta disciplina é oferecida, sendo esse um fator de dificuldade para os alunos do curso que desejam cursá-la.

Pensar em modos que possam colaborar para que os alunos tenham um espaço em que se possa discutir as fragilidades do curso em relação aos seus alunos ingressantes é fundamental.

Como já mencionado anteriormente, é preciso reconhecer e enfrentar as evidências de que:

A formação letrada, anterior à entrada na universidade, também ajuda a explicar o porquê do estranhamento, por parte de muitos alunos, com a linguagem que circula no meio acadêmico, a qual provém, basicamente, da esfera científica. Essa linguagem especializada está presente ou compõe gêneros discursivos muito particulares do meio acadêmico, como artigos científicos, ensaios, resenhas críticas, *papers*, relatórios de estágio, resumos, trabalhos de conclusão de curso, Seminários entre tantos outros. Esses gêneros acadêmicos são novas linguagens sociais a muitos alunos. Apresentam temáticas, formas composicionais, construções estilísticas conectados a tipos particulares de práticas de letramento ou a domínios particulares da ciência. Estes aspectos, por sua vez, necessitam ser sistematizados com os alunos, a fim de que eles possam se inserir – se considerarem *insiders* – no ambiente acadêmico. (FISCHER, 2007, p. 50-51, grifos do autor)

Quanto a esse aspecto apresentado por Fischer, no curso de Pedagogia de UFRJ, há variadas disciplinas que em suas práticas ministradas pelos professores, são utilizados os mais variados gêneros. No entanto, não há disciplinas que tenham um principal objetivo de ensinar como produzir estes gêneros, ficando essa tarefa a cargo de cada professor fazê-lo. A ideia que parece permear as práticas docentes da Universidade é que estes gêneros já são trabalhados de forma eficiente na formação anterior do aluno, ou seja, na educação básica, e que este aluno chega à Universidade com um conhecimento prévio sobre todas as práticas letradas utilizadas diariamente nesse espaço.

No entanto,

Os gêneros acadêmicos não constituem conteúdo e nem práticas preferenciais nas escolas de ensino fundamental médio. A leitura e a escrita de gêneros de referência na academia – artigos, teses, monografias, dissertações, resenhas acadêmicas, entre outros – são realizadas, de preferência, na universidade, porque é nessa instituição que são produzidos, por necessidades próprias, esses gêneros. (MARINHO, 2010, p.366)

Esta percepção que Marinho (2010) nos apresenta, desconstrói a lógica de que o indivíduo tem que chegar sabendo sobre esses gêneros na Universidade, mas que precisa sim ser submetido a sua aprendizagem dentro da Instituição, já que alguns desses gêneros são exclusivos e produzidos somente neste ambiente da Universidade.

São vários os gêneros utilizados na Universidade, alguns anteriormente foram citados, dentre eles, sínteses, resenhas, resumos, relatórios, ensaios, fichamentos entre outros para produção de determinadas atividades que são pedidas nas disciplinas que fazem parte do currículo do curso. Também os alunos investigados nesta monografia apontam a presença desses gêneros no curso de Pedagogia, como se verá mais adiante.

Apesar de não nos aprofundar nessa definição, é importante registrar que estamos entendendo gênero na perspectiva bakhtiniana para quem os gêneros “são tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. (...) Eles estabelecem, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social.” (FIORIN, 2016). Fiorin esclarece que há uma enormidade de gêneros e cada esfera de atividade comporta um repertório significativo deles, devendo-se ainda levar em

conta sua historicidade e o fato de os gêneros estarem em constante modificação diante das possibilidades de ação humana.

A partir da minha inserção na Universidade, pude perceber que existe uma ausência de explicações em sala de aula, principalmente no que é proposto pelo professor. Dessa forma, como graduando, lacunas ficavam na formação. A Instituição precisa agir diante disso, dando suporte ao aluno nessa relação com essa linguagem acadêmica.

Obviamente que durante a trajetória acadêmica existem docentes que em suas aulas dedicam um tempo para guiar o discente a construir um texto baseado no gênero que está sendo pedido, mas essa prática é quase nula, tendo em vista minha experiência como aluno da graduação. Em relação ao corpo discente, este precisa, necessariamente, estar focado e determinado a conhecer novas práticas letradas que, porventura, serão trabalhadas dentro do âmbito da sala de aula, pois como Fischer (2007) ressalta que muitos alunos não têm consciência do comprometimento necessário para se inserirem no domínio acadêmico. A autora enfatiza que esta não consciência pode estar relacionada com a cultura destes alunos e com suas experiências educacionais prévias.

Por vezes, os alunos trazem de suas vivências muitas visões negativas que fizeram parte de toda a sua caminhada na educação básica. A partir dessas experiências, julgam-se como inferiores, muitas vezes incapazes de se apropriar dessa nova linguagem e dos conteúdos que no âmbito universitário são abordados. Diante disso, é necessário entender como a educação básica trata a leitura e a escrita acadêmica. De acordo com Castro e Amorim (2017, p. 55):

Apontamos a constatação de que o trabalho realizado pelas escolas de educação básica, no que se refere ao domínio da escrita, não alcança preparar os estudantes para os desafios da produção dos textos demandados por seus professores nos cursos superiores.

Percebe-se que na educação básica “a escrita nas escolas tem sido fortemente orientada para a confecção do gênero textual solicitado nos principais exames” (CASTRO; AMORIM, 2017, p. 55), principalmente os exames de acesso ao Ensino Superior. Para além disso, a educação básica necessita também estimular a leitura, para, sobretudo, formar alunos com pensamento crítico e também para que possam compreender o que estão lendo.

No entanto,

Os resultados do sistema educacional mostram, cada vez mais, o aumento do baixo nível de compreensão de leitura. Isso ocorre porque o ato de ler na escola é sinônimo de decodificação de palavras, pois é esta a habilidade ensinada aos alunos. (FRANCO; MOLINARI, 2013, p. 281)

De acordo com Mello (2017), que faz uma reflexão baseada em Lea e Street (2014), existe a necessidade de se construir um currículo que contenha um vasto repertório de práticas linguísticas consideráveis que possam inserir o corpo discente nos mais variados contextos e textos que fazem parte da estrutura do curso e das disciplinas. Tomando essa reflexão como base, fica em evidência que haja um cauteloso olhar para o currículo do curso. Buscar atender as necessidades dos alunos implementando disciplinas que possam compor a grade curricular do curso, pensando em grupos de estudos que possam atender esse aluno ingressante que esteja encontrando dificuldade em relação a leitura e a escrita acadêmica.

Há que se entender que é preciso uma gama de recursos, ações e práticas para que se construa um currículo que atenda às dificuldades dos alunos ingressantes que, por inúmeros motivos, pensam em desistir do curso, sentindo-se incapaz de se adequar a ele, ou porque suas necessidades não são ouvidas pela universidade.

É em busca de contribuir com a compreensão sobre esse sujeito que nosso trabalho se volta para os alunos ingressantes e suas dificuldades no processo de apropriação da linguagem acadêmica no curso de Pedagogia, e como têm se relacionado com as práticas de leitura e escrita realizadas no contexto universitário.

2. O CORPO DISCENTE E A SUA RELAÇÃO COM A LEITURA E ESCRITA AO INGRESSAR NA UNIVERSIDADE

Para além da pesquisa bibliográfica discutida no capítulo anterior, este capítulo tem como objetivo apresentar a metodologia utilizada, os procedimentos de coleta de dados bem como a análise dos dados da pesquisa de campo. Foi aplicado um questionário (APÊNDICE 1), com alunos dos primeiros períodos do curso de Pedagogia/UFRJ, contendo perguntas que contemplavam o perfil desses sujeitos, sua relação com a leitura e escrita ao entrar na Universidade, a relação do professor com as práticas de leituras e escrita em sala de aula e a visão deles sobre como são trabalhadas a leitura e a escrita no curso de Pedagogia. Os dados são analisados a partir das questões que nortearam toda pesquisa, bem como do referencial teórico.

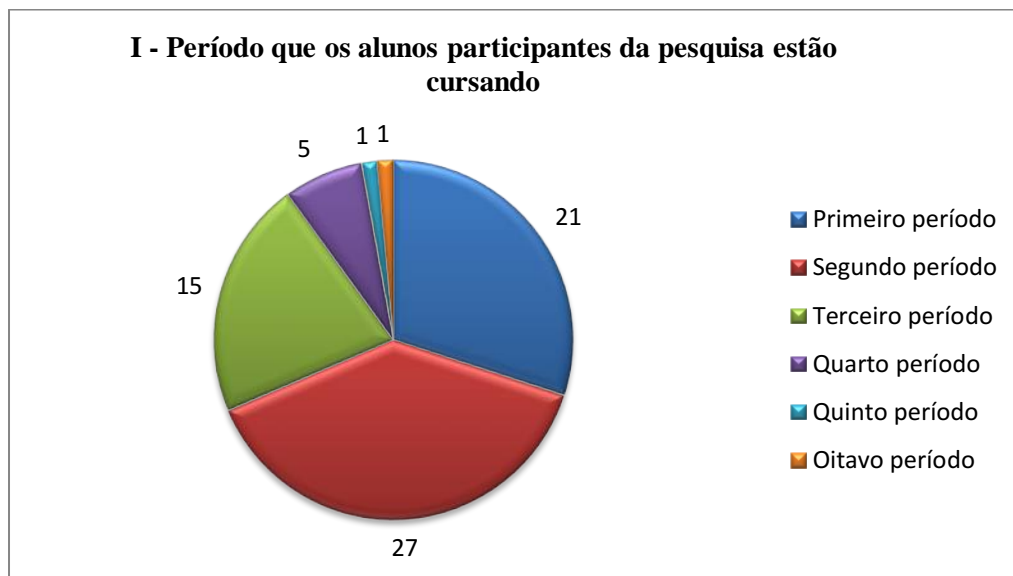
2.1 – Perfil do aluno ingressante do curso de Pedagogia/UFRJ

Anteriormente à construção do questionário, foi necessário delimitar quem seria o sujeito que responderia as questões direcionadas para o desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma, com base nos objetivos estabelecidos na monografia, ficou decidido que seriam os alunos que estão cursando os primeiros períodos do curso de Pedagogia da UFRJ. Então, participaram respondendo o questionário, que foi enviado através de correio eletrônico pela coordenação do curso de Pedagogia, alunos que ingressaram no período de 2017.2, 2018.1 e 2018.2.

Em um primeiro momento, construímos algumas perguntas para traçar o perfil destes participantes, a fim de saber em qual período se encontra no curso de Pedagogia, sua idade, dados sobre a sua formação no Ensino Médio, e como se deu o ingresso na Universidade. No segundo momento, construímos perguntas baseados na metodologia da Escala Likert, em que os alunos puderam expressar o seu grau de concordância analisando sua relação com a linguagem acadêmica. O questionário ainda tinha perguntas fechadas sobre a relação do aluno com o professor na Universidade. Por fim, o questionário trazia uma questão aberta aos participantes, em que eles deixaram sugestões de como a Universidade poderia trabalhar para que os alunos ingressantes pudessem ter mais contato com as práticas de leitura e escrita.

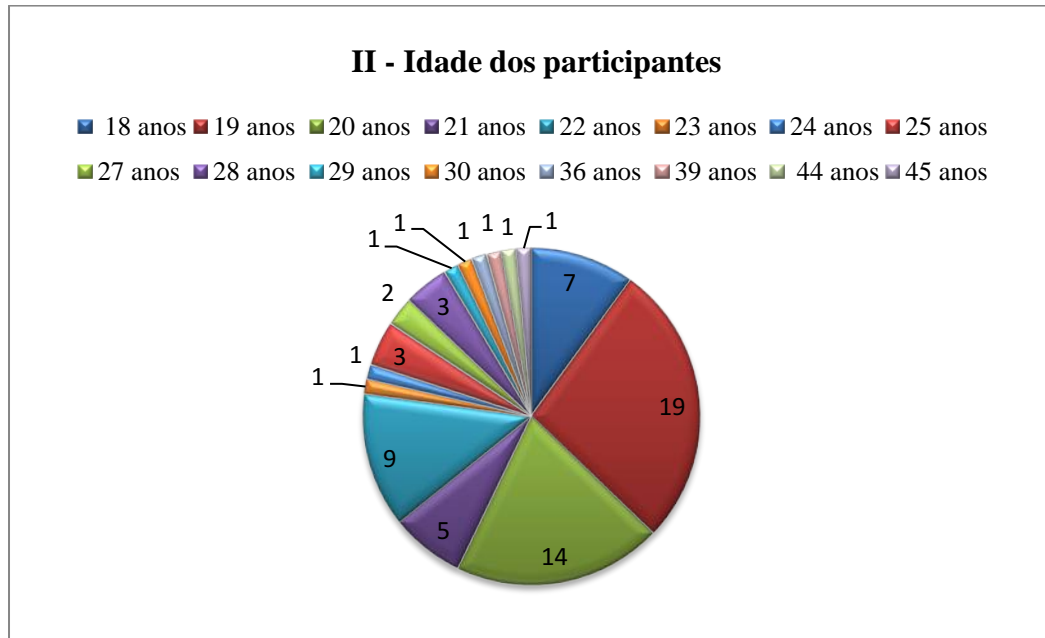
Ao todo, o questionário foi enviado para 229 alunos que compõem estas turmas que descrevi anteriormente. Desse total, 70 responderam. No caso, 30,6% dos estudantes que receberam o questionário em seus e-mails, participaram como sujeitos dessa pesquisa.

Os dados foram organizados em tabelas e gráficos que serão apresentados e analisados a seguir.



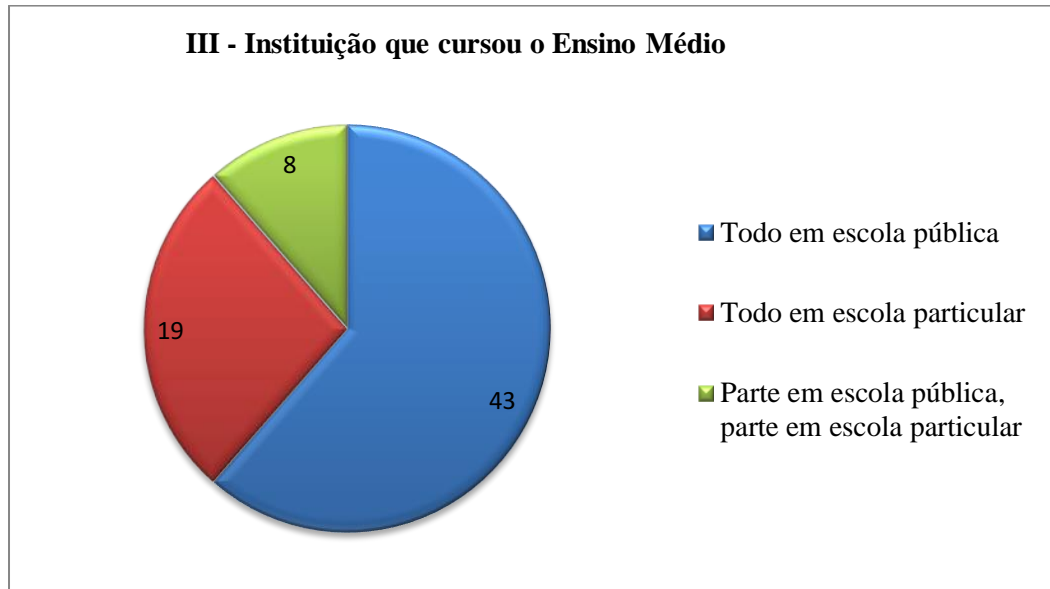
Quanto ao período do curso de Pedagogia cursado pelos participantes, o gráfico acima aponta que 21 participantes estão no primeiro período da graduação, 27 participantes estão no segundo período da graduação, 15 participantes estão no terceiro período da graduação, 5 participantes estão no quarto período da graduação, 1 participante está cumprindo o quinto período da graduação e 1 participante está no oitavo período da graduação.

Os alunos respondentes têm entre 18 e 45 anos. Abaixo segue o gráfico da relação da idade dos participantes da pesquisa. A maioria têm 19 anos, ou seja, acabaram de sair do Ensino Médio. 27,1% dos participantes têm 19 anos, 20% têm 20 anos, 12,9% têm 22 anos, 10% têm 18 anos, 7,1% têm 21 anos, 4,3% correspondem aos participantes de 25 e 28 anos.

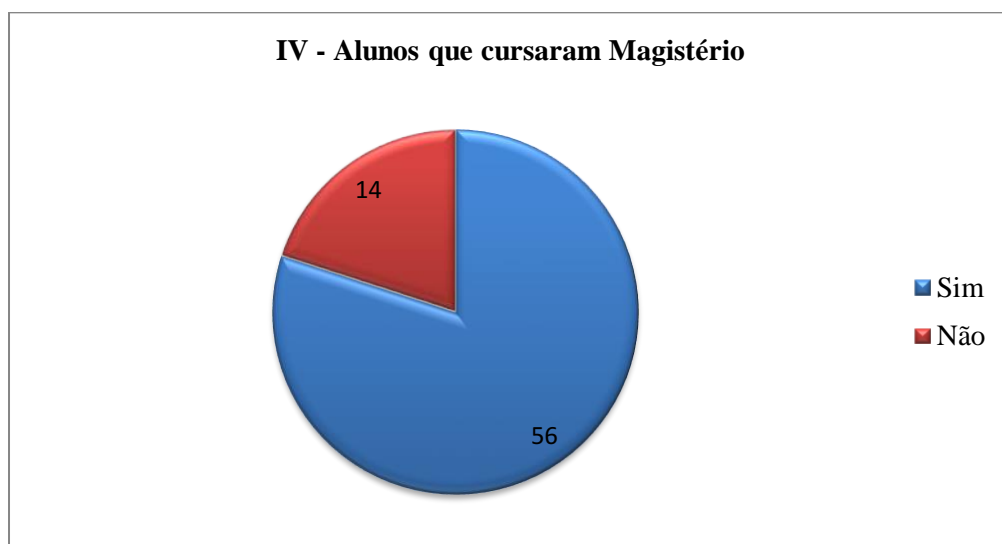


Analisando o gráfico que representa a idade dos respondentes, verificamos que grande parte dos participantes está passando pelo processo de transição do Ensino Médio para o Ensino Superior. Esse dado se confirma quando perguntamos se o Curso de Pedagogia era a primeira graduação do participante, já que essa situação pode influenciar sua relação com a leitura e escrita. O número de pessoas que está fazendo a primeira graduação corresponde a 82,9%, que corresponde a 58 pessoas e 17,1% que corresponde a 12 pessoas que já estão fazendo a segunda graduação.

Dentre aqueles que já fizeram outra graduação, havia uma lacuna na pesquisa que pedia para informar qual era a primeira graduação e verificamos que já tinham cursado Comércio Exterior, História, Gestão Imobiliária, Comunicação Social, Licenciatura em Ciências Sociais, Geografia e Licenciatura em Artes Plásticas. Alguns alunos também revelaram que desistiram de alguns cursos na primeira graduação que foram Química e Biomedicina.

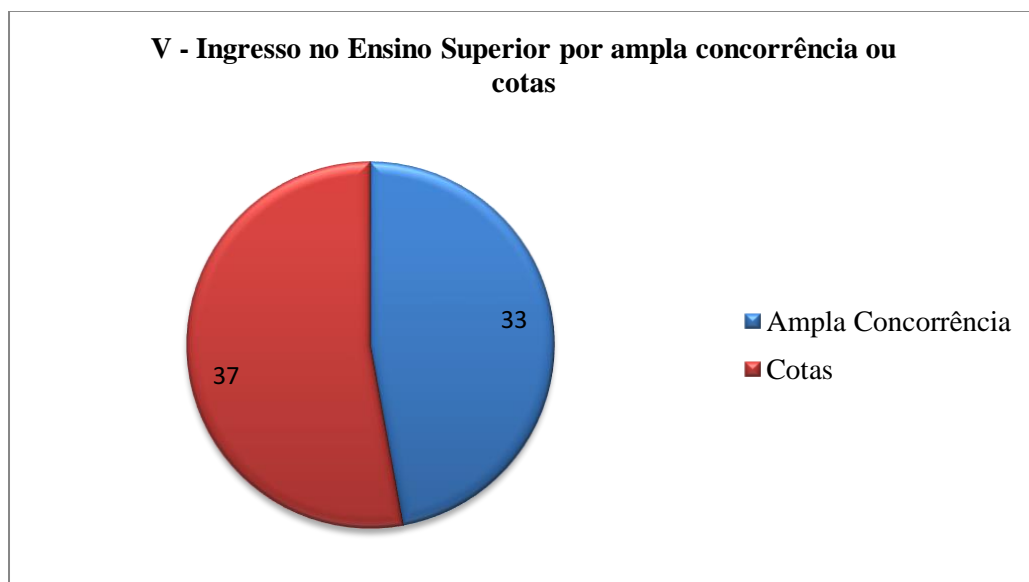


De todos os 70 alunos, 61,4% fizeram o Ensino Médio em uma Instituição pública de ensino. 27,1% estudaram em Instituição privada e os outros 11,4% estudaram parte em Instituição pública e parte em Instituição Privada. Uma das perguntas que também entrou no questionário foi se o aluno tinha feito o Magistério no Ensino Médio. No curso de Pedagogia é comum muitos alunos serem oriundos do Magistério no Ensino Médio. O percentual de alunos respondentes que são normalistas cursando Pedagogia corresponde a 80% dos 70, no caso de nossos respondentes, apenas 20% realizaram o Ensino Médio Regular.



Esses dados revelam pistas sobre o perfil dos alunos do curso de Pedagogia como aqueles egressos de escolas públicas de Ensino Médio, com formação no Magistério.

No questionário também havia uma pergunta que se referia à entrada na Universidade, se foi pela modalidade de ampla concorrência ou por cotas. Os dados apresentados no gráfico abaixo apontam que 47,1% dos participantes ingressaram à Universidade pela modalidade de ampla concorrência, enquanto 52,9% ingressaram por cotas. Desses 52,9%, destaca-se a entrada de alunos por cotas para alunos de escola pública e por ação afirmativa: estudantes autodeclarados pretos, pardos e indígenas.



Apesar dos dados acima indicarem um perfil para esses estudantes, estabelecer uma relação entre a condição social do aluno do curso de Pedagogia e suas dificuldades com a leitura e escrita é muito difícil, pois o recorte da pesquisa não envolve a totalidade dos ingressantes, não tivemos acesso a outros dados como renda familiar. Concordamos com Castro que aponta:

As relações entre os fatores tipo de escola cursada, condição socioeconômica, qualidade da escolarização e condições para cursar o ensino superior estão marcadas por alta complexidade. Por esse motivo, há muitas ressalvas e cuidados a adotar na análise desse quesito. (Castro, 2011, p. 48)

Apesar da necessidade de uma minuciosa análise que ronda essa questão, é preciso refletir sobre como anda a qualidade do ensino das escolas públicas, de onde vem a maior

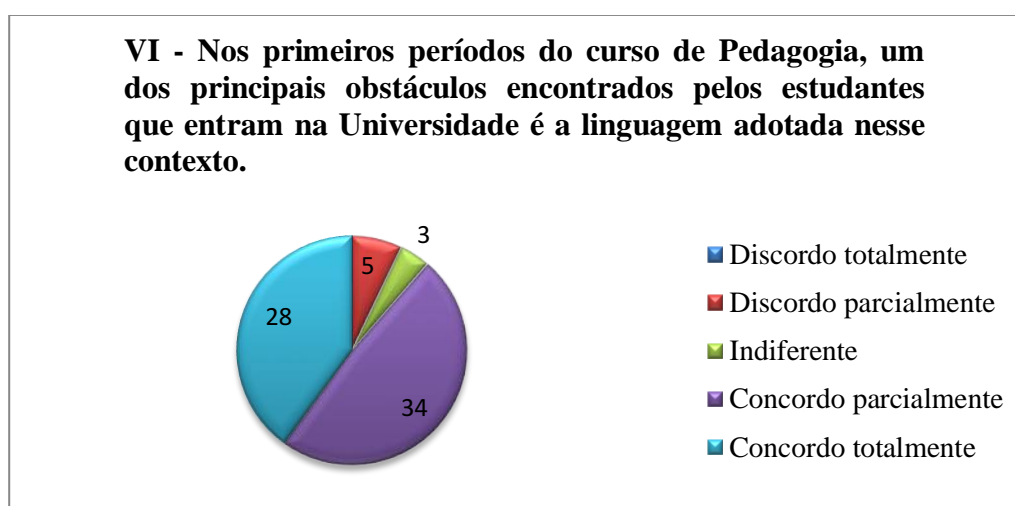
parte dos nossos respondentes, ou seja, será que atendem as necessidades desses alunos atualmente. Castro (2011, p.48), em sua pesquisa, ressalta que “trabalha com a premissa de que o conjunto das escolas públicas promovem uma escolarização de qualidade sofrível”, o autor ainda aponta que “no caso do Rio de Janeiro, como em outros estados do Brasil, abre-se exceção para as escolas federais e os colégios de aplicação ligados a universidades públicas”.

2.2 – Como o corpo discente percebe a sua relação com a leitura e escrita na Universidade

A fim de investigar como o corpo discente percebe sua relação com a leitura e escrita, foram elaboradas questões em que o participante pudesse avaliar da melhor maneira sua relação com a linguagem acadêmica.

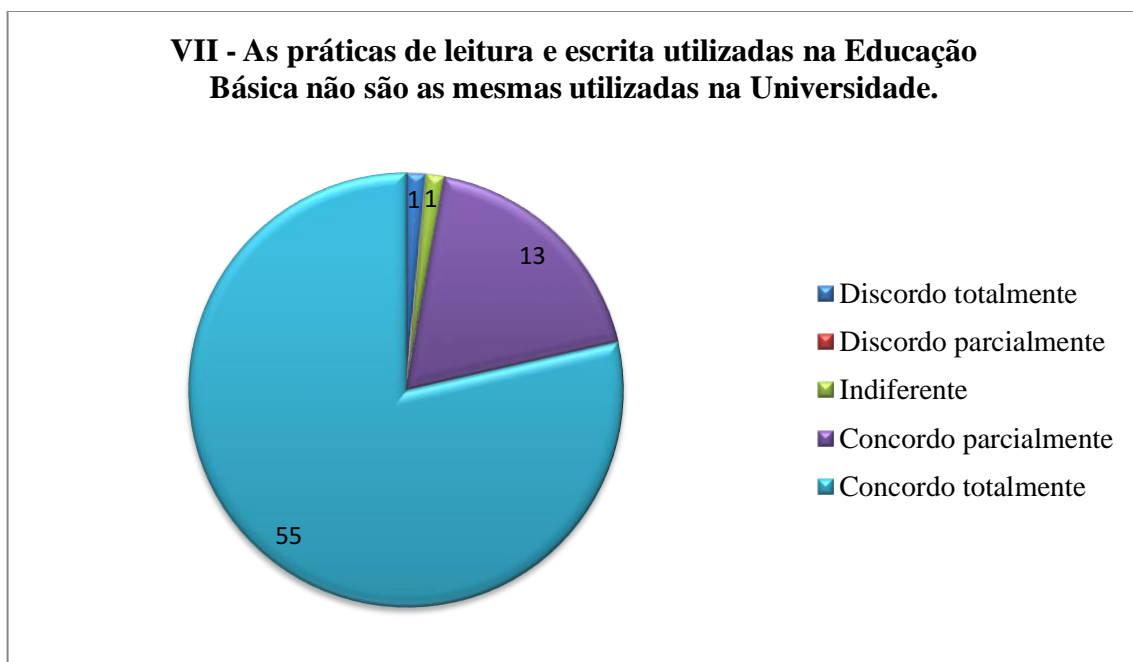
Para isso, utilizamos como metodologia a Escala Likert, a partir da qual são apresentadas afirmações, e o respondente deve emitir o seu grau de concordância com aquela frase. Para isso, ele deve marcar a resposta que mais traduz sua opinião. No nosso questionário essas afirmações foram levantadas com base no referencial teórico, e os participantes poderiam responder se concordavam totalmente/partialmente, ou se eram indiferentes, ou se discordavam parcialmente/totalmente das afirmações expostas.

Apresentamos abaixo os dados coletados, destacando primeiramente a percepção dos estudantes sobre a linguagem ser um dos principais obstáculos encontrados nesse contexto.



Sobre a linguagem presente na Universidade, os alunos responderam se esse é um dos principais obstáculos enfrentados na sua entrada no curso de Pedagogia. Nenhum dos alunos discordou totalmente da afirmação, 7,1% dos alunos discordaram parcialmente, 4,3% julgaram ser indiferente a essa questão, 48,6% concordaram parcialmente e 40% concordaram totalmente. Considerando esses dois últimos grupos temos que para a maioria a linguagem é um fator de dificuldade no ingresso na universidade.

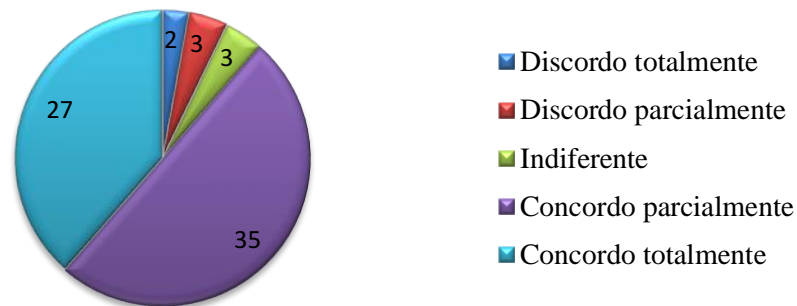
Os respondentes também apontaram seu nível de concordância quanto às práticas de leitura e escrita na Universidade.



Quando perguntados se as práticas de leitura e escrita utilizadas no Ensino Superior eram as mesmas que eles tinham acesso na Educação Básica, 78,6% concordaram totalmente com a questão, 18,6% concordaram parcialmente. Apenas 1,4% dos participantes responderam que discordam totalmente, nenhum participante discordou parcialmente da questão, 1,4% dos participantes disseram ser indiferentes.

Nessa mesma direção os estudantes apontam sua concordância quanto à afirmação de que os textos utilizados na Universidade têm uma linguagem difícil de ser compreendida.

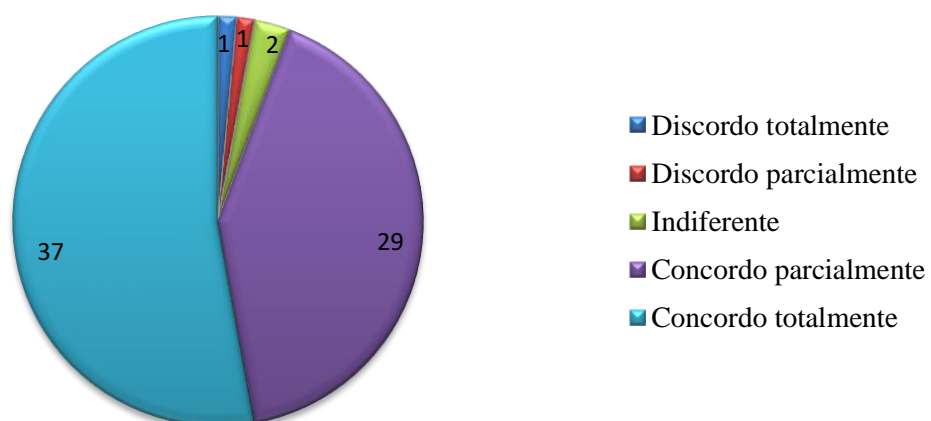
VIII - Os textos utilizados na Universidade tem uma linguagem difícil de ser compreendida.



Os textos utilizados na Academia têm uma linguagem que causa um certo estranhamento quando o aluno não está familiarizado, já que não estão presentes na Educação Básica. Dessa forma, 50% concordaram parcialmente com a questão e 38,6% concordaram totalmente com a questão, apenas 2,9% discordaram totalmente da questão, 4,3% discordaram parcialmente e 4,3% foram indiferentes à questão.

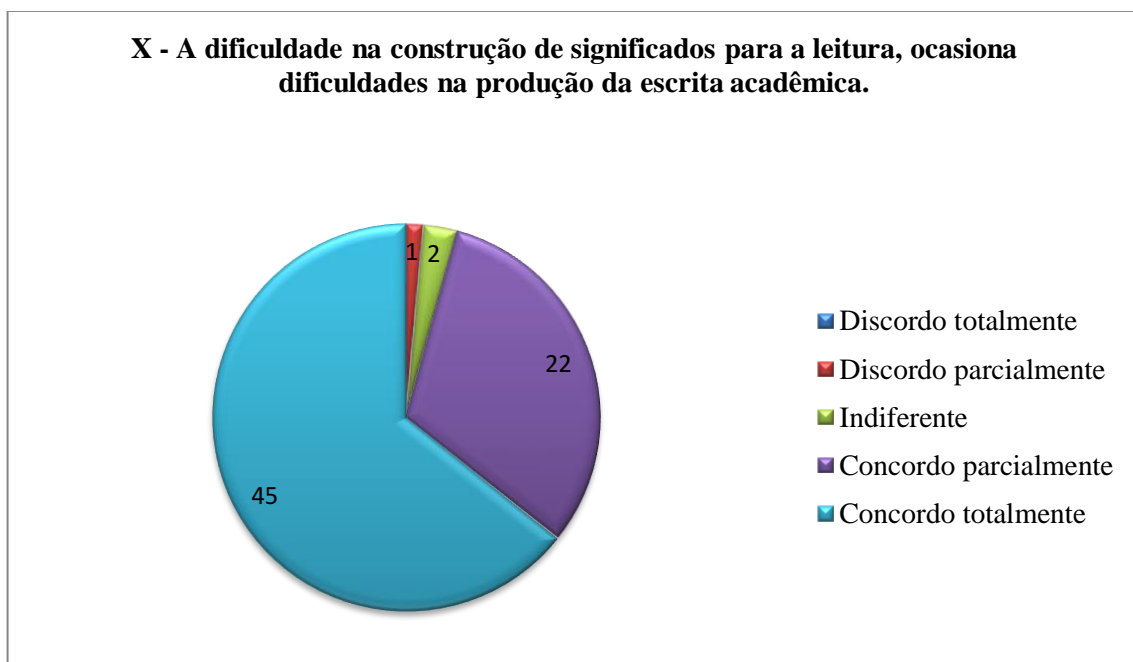
Essa dificuldade se acentua pela presença de textos, que segundo os alunos, apresentam linguagem densa e difícil de ser compreendida. 41,4% concordaram parcialmente e 52,9% concordaram totalmente com a afirmação. Assim como na questão anterior poucos discordaram total ou parcialmente ou foram indiferentes.

IX - A dificuldade dos alunos se acentua na Universidade pela presença de textos com uma linguagem densa e difícil de ser compreendida.



As dificuldades encontradas pelos alunos a partir dos textos utilizados na Universidade permitem que entendamos que o aluno precisa ter um espaço no qual ele possa buscar maneiras de entender e interpretar esses textos de cunho científico. A criação de disciplinas, a realização de oficinas, debates e grupos de estudos, seriam sugestões satisfatórias para auxiliar os alunos ingressantes nessa relação com a leitura e escrita.

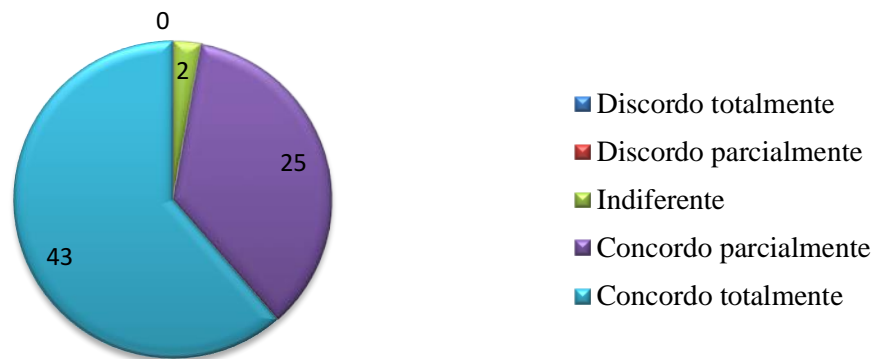
A relação entre a dificuldade de leitura e sua relação com a escrita na universidade foi abordada na afirmação do gráfico abaixo, revelando a concordância nessa correlação entre os alunos:



Verificamos entre os 70 respondentes que 64,3% participantes concordaram totalmente com a questão, e 31,4% concordaram parcialmente sobre a dificuldade na construção de significados para a leitura como um dos fatores de dificuldades nas produções de escritas acadêmicas. Apenas 2,9% foram indiferentes à questão proposta e 1,4% discordaram parcialmente dela.

Essas dificuldades relacionam-se aos gêneros presentes na Universidade, como podemos verificar abaixo:

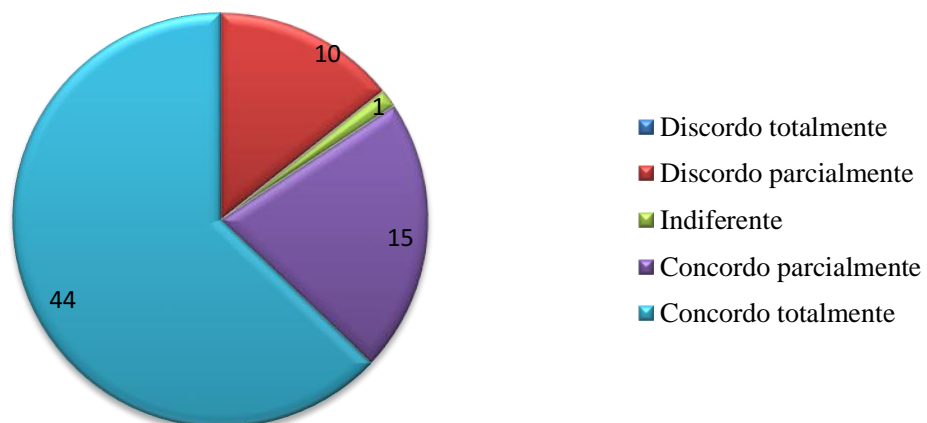
XI - Os alunos encontram dificuldades, de modo geral, quando se deparam com a necessidade de produzir textos pertencentes aos gêneros da esfera tipicamente escolar e/ou científica.



Diante da necessidade de produzir textos de gêneros da esfera tipicamente escolar e científica, ficou em evidência que 61,4% concordam totalmente com a questão, 35,7% concordam parcialmente e 2,9% são indiferentes a questão. Há aqui uma grande concordância entre os estudantes.

Esses dados são confirmados na afirmação de que na Universidade os alunos se veem diante da necessidade de escrever o que nunca lhes foi ensinado.

XII - O aluno constantemente se depara na Universidade com a obrigação de saber escrever algo que nunca lhe foi ensinado.



Sobre essa questão, nenhum participante discordou totalmente desta afirmação, 14,3% discordaram parcialmente, 1,4% revelou que era indiferente, 21,4% concordaram parcialmente e 62,9% concordaram totalmente com esta afirmação. Juntos os dois últimos grupos somam 84,3% dos estudantes. Com ninguém discordando totalmente e 01 pessoa apenas sendo indiferente à questão, podemos concluir que a maioria já passou por alguma vivência desse tipo, principalmente relacionado à cobrança de fazer algo que nunca teve conhecimento na esfera acadêmica.

O ensino dos conteúdos que competem à educação básica, nem sempre são transpassados aos alunos e, com isso, ao adentrar nesse novo lugar, parece que o aluno precisa alçar estratégias para aprender e construir algo que nunca teve acesso, sem nenhum direcionamento. O aluno precisa correr atrás desses conteúdos que não teve contato para, assim, conseguir construir o que foi proposto e ser parte da comunidade acadêmica.

Segundo Estrela e Sousa (2011, pág 261) apud Castro e Amorim (2017, pág. 56 e 57):

Ao ingressarem no Ensino Superior, os alunos integram uma comunidade com práticas de escrita diferenciadas. Se, por um lado, os chamados textos acadêmicos apresentam formatos variados, por outro, têm características transversais: são textos objetivos, com léxico muito específico, universos de referência próprios das diferentes áreas do saber, e com uma complexidade sintática de nível elevado. Assim, em relação ao Ensino Secundário, os alunos precisam de aprender a escrever num registo diferente: com léxico particular, estruturas sintáticas complexas e operações de textualização próprias de textos com um grande grau de autonomia em relação ao universo pessoal. Torna-se assim necessário socializar os alunos numa comunidade diferente das anteriores com estratégias de comunicação diferenciadas e textos específicos.

Aos conteúdos que os estudantes ingressantes têm acesso, Castro e Amorim (2017), baseados em Estrela e Sousa (2011), trazem ao que esse público deveria ter acesso e aprender. Obviamente ressaltando que como dizem os autores, a socialização com essa comunidade acadêmica se faz necessária já que os conteúdos da Universidade são marcados pela complexidade e o da Educação Básica marcado pela autonomia.

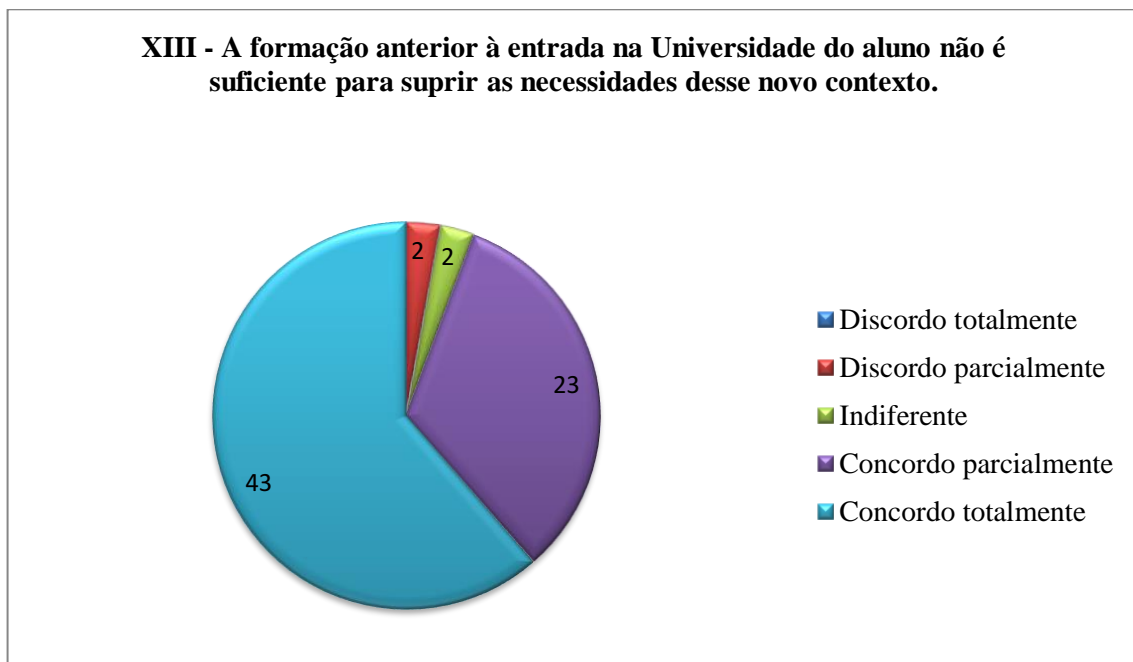
A motivação para a construção dessa pesquisa foi exatamente estar em uma turma de primeiro período e a professora que ministrava aula de uma determinada disciplina, solicitar uma avaliação, na qual tínhamos que fazer a síntese de um texto, que não era de

conhecimento de grande parte dos alunos da turma. Nesse momento, eu pude perceber que eu tinha que produzir algo que nunca me foi ensinado e não tivemos orientação nenhuma quanto à construção do gênero pedido. Assim, os dados levantados por meio do gráfico vão ao encontro e confirmam o que me pareceu uma impressão naquele momento da minha vivência.

Ao analisar o gráfico, percebe-se que a maior parte dos respondentes concordam totalmente com essa questão e isso precisa ser urgentemente modificado para que o aluno se familiarize com o ensino, já que a Universidade não é somente para aqueles que passaram por uma educação básica com ensino de qualidade, mas que também possa atender as necessidades dos alunos que possuíram uma formação com lacunas anterior ao ingresso no curso pretendido.

O papel da Universidade é entender quem são seus alunos, promover um diálogo entre a Instituição e os alunos, para que os alunos possam tornar explícitos seus anseios referentes a suas dificuldades nesse processo de inserção à Universidade. Disponibilizar pessoas para receber e interferir nas necessidades deste aluno ingressante.

Ainda sobre essa questão, os estudantes apontaram seu nível de concordância sobre sua formação do aluno anterior à entrada na Universidade, como vemos no gráfico a seguir.



Para os respondentes, os conhecimentos anteriores não são suficientes para sanar as necessidades da realidade acadêmica no que compete à leitura e à escrita, já que 61,4%

concordaram totalmente, 32,9% concordaram parcialmente, 2,9% julga ser indiferente, 2,9% discordam parcialmente e nenhum dos participantes discordou totalmente desta afirmação. Logo, mais uma vez, percebe-se que essa formação anterior, ou seja, a formação adquirida na educação básica, parece não contribuir com as novas necessidades deste aluno.

Juchum, propõe a seguinte reflexão:

Se os usos da linguagem para a construção do conhecimento no percurso escolar anterior à universidade são diferentes daqueles que são exigidos do estudante no contexto acadêmico, é compreensível que ele encontre algumas dificuldades com os gêneros acadêmicos. (Juchum, 2016, pág.150)

É importante ressaltar essa questão, já que se entende que o conhecimento adquirido na educação básica se difere dos conhecimentos adquiridos na Universidade. Já que são práticas totalmente diferentes nestes dois contextos, não há porque enxergar com estranhamento as dificuldades que os alunos têm diante de produzir textos na esfera acadêmica.

A cobrança constante na Universidade faz com que tenhamos a noção de que todos que compõem essa esfera tiveram oportunidades iguais e acesso ao mesmo ensino, desconsiderando a realidade de muitos alunos.

Para além de ensinar gêneros textuais na Universidade, há uma questão da Instituição entender que é necessário que o estudante precisa fazer parte daquele cenário, assumindo um protagonismo no que tange à relação dele com o letramento acadêmico. Segundo Fiad (2011, p. 360) apud Castro e Amorim (2017, p. 56:)

Contrariamente ao que dizem muitos professores universitários em relação à escrita de seus alunos, entendo que esses estudantes são letrados e, muito provavelmente, não se engajaram ainda nas práticas letradas esperadas no contexto acadêmico.

Castro e Amorim (2017, p.56) ainda apontam que “ao discurso de déficit vem se opondo a defesa de que os estudantes, quando ingressam nos cursos superiores, encontram-se em algum estágio de desenvolvimento da escrita”. Os autores refletem sobre o papel da Universidade, que em nenhuma hipótese, pode se esgotar em função deste estágio do

desenvolvimento da escrita, mas sim de avançar “no sentido de identificar que estágios são esses e, a partir daí, adotar estratégias e práticas que permitam aos estudantes não só a superação de limites postos pela sua formação anterior”.

A Universidade possui uma grande função que é a de promover diálogo com a comunidade acadêmica a fim de pensar em práticas voltadas para essa comunidade, visto que a Instituição não faz numerosos trabalhos que colocam em pauta as relações dos estudantes com a leitura e escrita.

Para conhecer um pouco mais o perfil dos alunos quanto ao seus hábitos de leitura e escrita, temos que apenas 32,9% sempre leem textos que fazem parte do seu cotidiano sem ser o da esfera acadêmica, 37,1% às vezes leem, 17,1% quase sempre leem, e 12,9% nunca fazem nenhum tipo de leitura a não ser os solicitados na Universidade.

Tabela 01 – Você possui o hábito de ler no cotidiano outros textos sem ser os solicitados na Universidade?

	Quantidade de participantes	% de participantes
Sempre	23	32,9%
Quase sempre	12	17,1%
Às vezes	26	37,1%
Nunca	9	12,9%

Tão importante quanto a leitura dos textos que são discutidos na Universidade, é fundamental que os alunos tenham contato com outros gêneros e a pesquisa propiciou o levantamento das leituras feitas pelos respondentes para além dos textos acadêmicos.

Tabela 2 – Gêneros textuais que os alunos leem além dos textos da Universidade

Gêneros textuais que o participante costuma ler para além dos textos da Universidade	Quantidade de pessoas que responderam a questão	% de pessoas responderam a questão
Redes Sociais	64	91,4%
Reportagens	54	77,1%
Artigos de opinião	29	41,4%
Jornais	31	44,3%
Literatura	42	60%
Bíblia	20	28,6%
Revistas	21	30%
Blogs	28	40%
Sites	53	75,7%

Verificamos que os alunos ingressantes, têm maior contato com a leitura nas redes sociais, indicado por 91,4% dos participantes, logo em seguida, representando 77,1% dos participantes, vem a reportagem como outro gênero apontado por grande parte dos estudantes, e os sites apontados por 75,7% dos participantes. O menor resultado, representado por 28,6% é a Bíblia.

Analisando o gráfico acima, percebe-se que há predominância de leitura dos participantes na internet (redes sociais, blogs, etc.) Diante disso, esses dados dão pistas de que o aluno ingressante de Pedagogia está muito mais familiarizado com gêneros que estão ligados à internet, e deixando de lado a literatura que vem perdendo força.

Levando em conta que os alunos ingressantes apontaram a presença de gêneros próprios da linguagem acadêmica como dificultadora da relação leitura e escrita, perguntamos com quais gêneros textuais eles já tiveram contato dentro da Universidade. Os 70 respondentes puderam marcar mais de uma opção e o resultado pode ser consultado na tabela abaixo com os gêneros textuais mais selecionados.

Tabela 3 – Gêneros textuais que os alunos já tiveram contato na Universidade nos primeiros períodos

Gêneros textuais que os participantes da pesquisa tiveram contato na Universidade	Quantidade de pessoas que tiveram contato com os gêneros textuais expostos na pesquisa	% de pessoas que tiveram contato com os gêneros textuais expostos na pesquisa
Resumo	56	80%
Resenha	48	68,6%
Artigo científico	50	71,4%
Relatório de estágio	12	17,1%
Seminário	63	90%
Apresentação em power point	64	91,4%
Ensaio	9	12,9%
Síntese	19	27,1%
Fichamento	50	71,4%
Blog	5	7,1%
Monografia	16	22,9%
Teses	23	32,9%
Dissertação	28	40%
Pesquisa	38	54,3%
Cartaz	14	20%
Plano de aula	38	54,3%
Plano de curso	19	27,1%
Portfólio	17	24,3%
Relatório	39	55,7%

O gênero que os participantes tiveram mais contato foi a apresentação em Powerpoint, representada por 91,4%. É bem comum atualmente os professores solicitarem as apresentações de trabalho por meio deste gênero, uma dinamização maior para o trabalho apresentado, a fim de mostrar informações relevantes nas apresentações para os que estão assistindo. Logo em seguida, representado por 90% dos estudantes como gênero que tiveram mais contato está o seminário. 80% dos participantes dizem que já tiveram contato com o resumo, seguido de artigos científicos e fichamentos, representados por 71,4%. O gênero menos utilizado segundo os participantes fica por conta do Blog, que é representado por 7,1%.

3. A RELAÇÃO DO ALUNO COM O PROFESSOR NA UNIVERSIDADE

A relação do aluno com a leitura e a escrita na Universidade realiza-se na sala de aula e com os sujeitos que compõem este espaço, ou seja, alunos e professores. Assim, no questionário elaboramos perguntas direcionadas para o trabalho do professor no que tange às práticas de leitura e escrita na sala de aula.

Assim, entendendo a necessidade dos alunos se apropriarem dos diferentes gêneros trabalhados na universidade, perguntamos se os professores os orientam quanto à estrutura e às características próprias do gênero solicitado.

Tabela 4 – Os professores explicam detalhadamente a estrutura do gênero textual solicitado?

	Quantidade de participantes	% de participantes
Sempre	3	4,3%
Quase sempre	14	20%
Às vezes	42	60%
Nunca	11	15,7%

Sobre os dados coletados a maioria, 60%, aponta que somente às vezes há uma explicação minuciosa sobre o que é pedido dentro de sala de aula, enquanto apenas 4,3% apontam que sempre há uma explicação com detalhes sobre o gênero solicitado. Esse parece ser, portanto, um aspecto a ser considerado nas práticas dos professores na universidade.

Assim como a explicação inicial do professor sobre o gênero solicitado, a avaliação também é um aspecto importante da prática docente. Nesse sentido, sobre a devolutiva e os comentários que os professores fazem acerca da proposta solicitada em aula, 42,9%, apontam que somente às vezes o professor dá feedback sobre a adequação do gênero que foi pedido para ser construído na atividade realizada. Enquanto isso, 20% dos participantes dizem que quase sempre e nunca os professores fazem comentários sobre a atividade e 17,1% apontam que sempre o docente dá explicações sobre o proposto.

Tabela 05 – Ao dar feedback ao texto produzido, o professor faz comentários a respeito do conteúdo trabalhado e sobre a adequação da proposta ao gênero solicitado?

	Quantidade de participantes	% de participantes
Sempre	12	17,1%
Quase sempre	14	20%
Às vezes	30	42,9%
Nunca	14	20%

Nesse sentido, entendemos a importância dos alunos poderem manifestar as dificuldades sentidas em sala de aula, de modo que possam demonstrar ao corpo docente suas necessidades, isso é essencial para que todo obstáculo enfrentado seja solucionado. No entanto, esse trabalho precisa ser algo constante em sala de aula e que tenha uma abertura e troca entre os sujeitos da sala de aula para que se possa encontrar êxito nessa proposta.

Ao perguntamos para os alunos a frequência com que manifestam ao professor suas dificuldades em relação a leitura e escrita, tivemos os seguintes resultados:

Tabela 06 – Os alunos manifestam ao professor suas dificuldades em relação a leitura e escrita em sala de aula?

	Quantidade de participantes	% de participantes
Sempre	11	15,7%
Quase sempre	22	31,4%
Às vezes	29	41,4%
Nunca	8	11,4%

Dos 70 respondentes, 41,4% disseram que às vezes se manifestam sobre suas dificuldades, enquanto 15,7% disseram que sempre se manifestam, 31,4% disseram se

manifestar quase sempre e 11,4% dizem que nunca se manifestaram dentro de sala de aula sobre as adversidades que enfrentam acerca da leitura e escrita. Esses dados nos instigam a pensar sobre o porquê dessa falta de comunicação entre professor e alunos na universidade, algo que a nosso ver merece um aprofundamento para futuras pesquisas.

Uma das principais práticas utilizadas dentro da sala de aula na Universidade é o texto-base para que os estudantes possam fazer uma leitura prévia à aula e o conteúdo seja debatido em sala, justamente para não ser somente uma aula expositiva em que o conteúdo seja transmitido somente pelo professor. No entanto, é muito comum também ouvir os professores apontarem que os alunos leem pouco os textos solicitados para discussão em sala de aula. Assim, perguntamos aos alunos sobre a frequência dessa leitura. Os resultados são apresentados abaixo:

Tabela 07 – Você lê com frequência os textos que os professores solicitam para a discussão em sala de aula?

	Quantidade de participantes	% de participantes
Sempre	14	20%
Quase sempre	34	48,6%
Às vezes	20	28,6%
Nunca	2	2,9%

Com base na questão que mencionava sobre qual era frequência que os alunos tinham de fazer a leitura dos textos solicitados para serem trabalhados em sala de aula, 20% informaram que sempre realizam a leitura, 48,6% disseram que realizam a leitura quase sempre, 28,6% informaram que fazem a leitura somente às vezes e 2,9% informaram nunca ter lido os textos solicitados pelos professores. Esses dados são preocupantes, pois a leitura dos textos é uma condição fundamental para o desenvolvimento das aulas e na formação do professor.

3.1 – Disciplinas que focam nas práticas de leitura e escrita

No questionário havia uma pergunta em que os alunos apontavam se já cursaram alguma disciplina que focava somente nas práticas de leitura e escrita. 85,7% dos respondentes disseram não ter tido contato com uma disciplina neste molde, e 14,3% respondentes disseram que já tiveram contato com uma disciplina que trabalhasse a leitura e a escrita. Dentre as disciplinas que revelaram ter um foco na leitura escrita, algumas se destacaram.

A disciplina Introdução ao Pensamento Científico foi a mais citada (6 participantes) e faz parte da grade curricular do curso de Pedagogia no primeiro semestre. Exceto uma disciplina, intitulada Laboratório de Redação Monográfica, que não faz parte da grade curricular do curso de Pedagogia da UFRJ, todas as outras elencadas fazem parte das disciplinas obrigatórias do curso. São elas: Sociologia da Educação Brasileira, Educação Brasileira e Educação e Comunicação I.

Em relação a essas disciplinas mencionadas, buscamos no site da faculdade as suas respectivas ementas, organizadas no quadro abaixo. Como citado anteriormente, a disciplina mencionada Laboratório de Redação Monográfica não está presente na grade do curso de Pedagogia e por este motivo não se encontra no quadro abaixo.

Quadro 1 – Disciplinas e ementas do curso de Pedagogia

Disciplina	Ementa
Introdução ao Pensamento Científico	Introdução ao pensamento científico. Os principais tipos de conhecimento. As posições da ciência moderna. Evolução da Ciência.
Sociologia da Educação Brasileira	A pesquisa social em educação no Brasil, estudos clássicos e recentes: principais temas e enfoques. Investigações quantitativas e qualitativas em pesquisa educacional, no Brasil.
Educação Brasileira	A constituição do sistema nacional de ensino e a relação entre Estado e educação. Persistências e mudanças na estrutura e no funcionamento do ensino no Brasil: as relações entre público e privado, centralização e descentralização, ensino laico e ensino confessional, formação geral e formação profissional. A LDBEN (Lei

	9394/96): avanços e recuos no processo de profissionalização do campo pedagógico e de universalização do ensino.
Educação e Comunicação	A negociação dos sentidos: silêncio e linguagem; os sujeitos; os códigos; os contextos; as relações. Quem conta um conto: por que se contam histórias; leitura e educação; relações sociais; os modos de inserção da Literatura Infantil na escola; materiais didáticos, seleção de textos e propostas de estudo. Imagem é tudo: imagem e conteúdo; sentidos e deslocamentos; mídia e educação; televisão e escola/ televisão na escola; educação em rede.

As ementas que foram retiradas do “Sistema de Gestão Acadêmica (SIGA)” trazem, em um primeiro momento, é que não existe nelas um foco específico no que diz a respeito a leitura e escrita, com exceção da Educação e Comunicação. Acredito que as disciplinas citadas pelos participantes, são pautadas através de uma relação de leitura e escrita no que se refere à relação do docente com o discente, com a explicação minuciosa dos trabalhos pedidos e dos gêneros utilizados na realização destes trabalhos, nos feedbacks desses trabalhos dados pelo professor, focando assim, no aprimoramento do aluno em relação as práticas letradas utilizadas diariamente em sala de aula.

3.2 – O que os alunos sugerem para as práticas de leitura e escrita estarem mais presentes na Universidade?

Diante do exposto até aqui, solicitamos aos estudantes que apresentassem sugestões sobre como tornar mais presente as discussões referentes a leitura e escrita na Universidade. Entendemos que, a partir das sugestões reveladas na pesquisa, muitas indagações apontam para que a faculdade debata sobre como a Universidade pode acolher o aluno aproximando-o das práticas de leitura e escrita.

Os alunos apontam em suas sugestões anseios sobre a linguagem que predomina na Universidade, que como apontada pelos alunos ingressantes, é uma linguagem um tanto difícil de ser compreendida em um primeiro momento. Um discente aponta sobre o que pode

acarretar na vida do discente a bagagem que o universo acadêmico exige para o alunado desde os primeiros passos na Instituição.

Cabe esclarecer que mantivemos a escrita dos depoimentos tal qual foi apresentada pelos respondentes, sem fazer correções no texto. A leitura dessa escrita materializada também possibilita-nos conhecer um pouco mais de nossos participantes, de seu potencial e de suas dificuldades diante da tarefa de escrever.

A universidade exige uma bagagem de leitura e escrita, que grande parte dos alunos não o possui, o que acarreta em diversas questões como desistência, e desestímulo para muitos. No entanto penso que se os alunos ao ingressarem na universidade, fossem mais ouvidos, e mais estudados pela mesma, haveria uma melhor adequação dos conteúdos e metodologias a serem aplicados. De forma que sejam considerados, os conteúdos já dominados, os ainda em desenvolvimento e os que não temos nenhum conhecimento, para que a partir daí fossem iniciadas as abordagens referentes ao ensino superior. (Participante número 19)

Um dos participantes reflete sobre a importância das duas partes (docente e Universidade) para, enfim, ter um diálogo e as práticas leitura e escrita não seja algo desagradável neste âmbito.

Acho que tem partir dos dois lados do discente e da universidade. A universidade incentivando a prática da leitura como projetos e palestras. E também partir do discente ter iniciativa de leitura. (Participante número 60)

Alguns alunos trouxeram em suas sugestões a ideia de realizar oficinas para auxiliar ao aluno quanto à escrita e à leitura na Universidade. Um aluno destaca que quanto mais se faz presente nas atividades da Universidade, mas o aluno se apropria das práticas inerentes ao contexto acadêmico.

Oficinas. Isso ajudaria bastante os novos alunos que ingressam na universidade, assim como aqueles que já estão, mas que ainda possuem dificuldades nessa prática. (Participante número 04)

Oficinas de leitura e escrita na faculdade já ajudariam muito. Uma amiga chegou a falar uma vez sobre um grupo de extensão que à ajudou muito na produção de leitura e escrita, pois o mesmo focava em formas de se "escrever na faculdade" (resenhas, artigos e fichamentos). Acredito que quanto mais você se torna presente nos projetos na faculdade mais você se apropria daquele mundo e suas linguagens. (Participante número 28)

Há também discentes que expressam o desejo e afirmam ter necessidade de haver mais disciplinas que deveriam compor a grade da graduação de Pedagogia que dessem conta da formação dos alunos quanto a leitura e escrita na Universidade.

Acho que deveria ter uma matéria no primeiro período com o objetivo de trabalhar os diferentes tipos de textos que podem ser solicitados na faculdade, com oficinas, leituras de alguns modelos. . (Participante número 11)

Disciplina específica como mencionado na questão anterior, e um conteúdo usado pelos professores que seja menos denso, mais interessante para os alunos e compreensível de início, e que no decorrer do semestre a linguagem rebuscada vá aumentando, para que haja um crescimento gradativo de leitura e compreensão. (Participante número 17)

O que é considerado na última questão: que haja disciplinas que orientem os alunos especificamente sobre as práticas de leitura e escrita universitárias. (Participante número 41)

Que no começo do curso tivesse mais disciplinas com esse propósito de ensinar o olhar para essa leitura que certamente é diferente de qualquer leitura feita no ensino médio e ensinar o que é pedido, os modelos e conteúdo que realmente precisamos saber para começar a aprender a escrever trabalhos para a Universidade. E seria de grande importância o feedback positivo ou negativo do professor, muitas vezes o aluno tira notas boas, mas de fato ele não sabe ao certo o qual foi o ponto alto e baixo daquele trabalho escrito. (Participante número 46)

Uma disciplina obrigatória ou uma oficina de escrita acadêmica. (Participante número 58)

No decorrer das sugestões levantadas, também foram mencionadas a necessidade do docente em trabalhar os detalhes e explicar ao corpo discente os gêneros que são trabalhados em sala de aula. Também surgem apontamentos sobre reconhecer as dificuldades dos alunos ingressantes que não dominam as práticas de leitura e escrita próprias do letramento acadêmico.

Acredito que uma aula onde os professores expliquem, deem dicas de como começar texto, já seria um avanço. (Participante número 13)

Primeiramente, que o corpo docente entenda que ser universitário e principalmente, que ser do turno noturno, implica uma série de questões. E que não é fácil, embora muitos tentem, se adequar as formas didáticas referentes às leituras. Se houve um pouco mais de empatia por parte dos professores e menos cobranças, acredito que tudo seria mais fácil. (Participante número 18)

Os professores precisam estar cientes das dificuldades dos alunos, sobretudo nos primeiros períodos e explicar paciente e detalhadamente as propostas dos trabalhos pedidos. (Participante número 20)

Acredito ser importante, pois no início é muito complicado entender o ritmo dos professores e da faculdade em si. Os trabalhos exigem muito de nós, e muitos alunos vieram do ensino médio direto para a Universidade. Logo, a escrita fica prejudicada, já que cada professor tem uma maneira de corrigir e avaliar suas disciplinas. (Participante número 25)

Professores que deem foco nas práticas de leitura e escrita, pois é muito importante ser trabalhado dentro da pedagogia uma vez que futuramente nós é que estaremos ensinando.. mas antes disso precisamos ser estimulados, com debates, livros em diferentes níveis de dificuldade. (Participante número 29)

Sugiro que os professores expliquem mais detalhadamente o que deve ser feito em cada texto e quando passar textos mais complexos para leitura, que possa ser lido em sala também, para que possamos nos familiarizar com esse estilo de texto. (Participante número 34)

Professores que falem mais sobre os textos lidos (muitas vezes eles esquecem os textos e falam sobre outros assuntos, com isso, o tempo da aula fica curto para discutirmos sobre). Além disso, os mesmos deveriam explicar mais a proposta da escrita que eles querem que os alunos façam, principalmente para os calouros, pois, muitas vezes, nós não sabemos como fazer e, quando perguntamos, não obtemos a resposta que gostaríamos de ter. (Participante número 42)

Que os professores não partam do princípio que os alunos já sabem e portanto acabam não tratando de assuntos importantes, por suporem que algo já é sabido. E ao perceberem que não sabem de determinado assunto, não discriminar o aluno com atitudes preconceituosas. Se a universidade é o lugar para compartilhar saberes, porque o aluno é julgado por não entrar sabendo? Não estaríamos diante de uma grande incoerência? (Participante número 63)

Assim como sugerem os alunos, é fundamental que o professor entenda que o aluno vem de uma realidade diferente da Universidade e precisa aprender sobre as práticas leitura e escrita. Como reflete Juchum (2016):

A interação com outros alunos e com o professor, portanto, é fundamental para tornar explícitos os conhecimentos que os estudantes já possuem e o que eles precisam aprender para participarem das práticas de leitura e escrita na universidade. Nesse sentido, entendo que é preciso partir do que os estudantes já conhecem, trazendo essa experiência para o momento da produção textual, em vez de tratar as dificuldades como déficit. (Juchum, 2016, pág. 140)

Aparece também nas sugestões dadas pelos alunos, a importância de criar o hábito da leitura. Salientando que o aluno, de certa forma, possa inicialmente ler aquilo que chame mais atenção dele, ou seja, que será mais atrativo para ele, para que assim, conseqüentemente, ele

crie o hábito pela leitura. Curioso também que o mesmo participante que trata da criação deste hábito, traz a origem da sua família para este discurso. A partir disso, é necessário ressaltar o quanto de impacto que um indivíduo de camadas sociais menos favorecidas sente diante desta linguagem em um primeiro momento.

Acho que é necessário criar o hábito da leitura antes de tudo. Mas para que isso ocorra o aluno deve ler aquilo que chame atenção no início, para que assim crie o hábito da leitura. No primeiro semestre, ainda que seja importante, foram dados vários textos com linguagens difíceis. Cresci em uma família humilde de linguagem simples e isso foi como um banho de água fria de uma só vez, por que foram vários textos assim. (Participante número 31)

Outra das sugestões que foram apresentadas pelos alunos foi o estímulo por vias digitais, que muito são utilizadas atualmente pelo corpo discente. A maioria dos docentes enviam o texto da aula por e-mail para que possa dinamizar o acesso a esse material, levando em conta que todos têm acesso a aparelhos eletrônicos, como tablet e celular.

Estímulo à escrita e leitura em aparelhos eletrônicos que possam associar estes hábitos as práticas digitais desta geração. (Participante número 30)

Uma sugestão curiosa, que decidi deixar para colocar por último, foi o apontamento para que a linguagem acadêmica pudesse se tornar acessível ao público, que não ficasse restrita somente dentro da Universidade e saliento a reflexão de que se essa linguagem rompesse os muros da Academia, talvez muitas das dificuldades não se fariam presente na vida do corpo discente.

Tornar a linguagem acadêmica acessível ao público externo à faculdade seria muito interessante. (Participante número 32)

É preciso refletir que os sujeitos que ingressam nesse espaço carecem de um diálogo com a Instituição, que os desconsideram como sujeitos letrados. Como seria esse diálogo se essa linguagem fosse acessível ao público que não está inserido na Academia? Por conta desse acesso, seria entendido que o aluno chegou “pronto” na Universidade? Seria esse o caminho para amenizar os impactos do aluno ingressante referente a linguagem acadêmica na Instituição? Uma interessante sugestão, mas difícil pensar em como colocá-la em prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita dessa monografia permitiu, primeiramente, rememorar os meus primeiros passos nessa longa trajetória acadêmica, especialmente como eu construí a minha relação com a leitura e escrita neste espaço de formação.

No início não foi uma caminhada fácil, mas com o tempo vamos desenvolvendo estratégias para conseguir driblar as inúmeras adversidades que surgem neste caminhar. O meu obstáculo no início foi me familiarizar com a linguagem desse novo universo que em 2013.2, eu acabara de conhecer. Esta pesquisa mostrou que essa dificuldade não compete apenas a mim, mas a uma parcela de alunos pertencentes à comunidade acadêmica da UFRJ do curso de Pedagogia.

Diante de mais um gênero específico da Universidade, a escrita da presente monografia me fez refletir sobre a minha relação com a leitura e escrita nesses anos de graduação. Não foi um processo de construção fácil, apesar da longa caminhada até esse trabalho de conclusão. São inúmeros textos para ler e muitas ideias colocadas no rascunho para estruturar e dar consistência ao tema que se quer defender na pesquisa. Portanto, é mais um momento de ampliar meu repertório, pois nunca havia tido contato com esse gênero.

Minha experiência ao escrever essa monografia, gerou diversas dificuldades, mas o contato com a leitura de artigos, teses, dissertações, monografias, para trabalhos solicitados e até mesmo as leituras desses gêneros textuais específicos da Universidade para debates em sala de aula, me auxiliaram no que tange à estrutura do texto a produzir. Enquanto leitor e escritor acadêmico, estou em processo constante de aprendizado para aprimorar minha leitura e escrita dessa linguagem específica.

Longe de esgotar a temática em questão da pesquisa, para além de trazer uma reflexão de como o aluno constrói essa relação, ainda é possível investigar como essa relação permanece até o fim do curso. A dificuldade permanece constante, ela diminui ou ela torna-se nula após todo o contato que o aluno tem com textos e produções acadêmicas? Acredito ser uma questão que pode ser aprofundada em pesquisas posteriores.

A pesquisa teve como foco os alunos dos períodos iniciais, ou seja, a visão dos alunos ingressantes em sua relação com as práticas de letramento da Universidade. A partir do

questionário pudemos ter acesso ao que eles têm a dizer sobre como constroem essa relação com essa nova linguagem.

Foi possível analisar o perfil do aluno participante e como é sua percepção sobre os impactos que a educação básica tem na caminhada acadêmica, já que nem sempre os conteúdos tidos na educação básica suprem as necessidades desses alunos neste novo contexto.

A relação que os alunos constroem com a leitura e escrita nos primeiros passos na Universidade é conturbada e não é uma nova realidade de fácil adaptação, exige do aluno aquilo que ele ainda não domina, gerando um desconforto no aluno ingressante, fazendo-o sentir-se deslocado desse novo espaço.

Uma figura tão importante no processo dessa adaptação é o corpo docente da Instituição que obrigatoriamente deve ter um olhar para estes indivíduos e estimulá-los através de suas práticas em sala de aula ao gosto pela leitura e escrita, e se necessário explicar aquilo que ainda não é da alçada do estudante, permitindo a esse sujeito compreender e se apropriar dos gêneros, da leitura acadêmica e da escrita acadêmica.

A Instituição precisa também manter um diálogo com esse aluno ingressante, de modo que ele possa enfrentar suas dificuldades tendo ciência que ele pode recorrer às atividades propostas pela Universidade. Neste caso, como muito foi dito no decorrer da pesquisa, a realização de oficinas, implementação de disciplinas que foquem na leitura e escrita acadêmica, debates sobre o tema, expandir a linguagem acadêmica para além dos muros da Universidade e, sobretudo, não ignorar o aluno, considerar suas vivências, sempre dialogando com os conteúdos dados em sala de aula. Ficou claro nesse grupo de alunos da pesquisa - que isso é algo que não é trabalhado na Universidade, causando assim um estranhamento no aluno com todo o novo contexto do qual passa a fazer parte.

A implementação de disciplinas que foquem na leitura e escrita, assim como nos gêneros que são exclusivos do campo acadêmico, seria essencial para todos os ingressantes. Dessa forma, muitos alunos teriam acesso a conteúdos que nunca tiveram anteriormente e desenvolveriam habilidades que pudessem acompanhá-los por toda a graduação. Quando menciono a questão da disciplina, acho necessário frisar que seriam disciplinas colocadas na grade obrigatória do curso e não como eletivas.

A pesquisa propiciou trazer falas dos participantes do questionário e ficou evidenciado que não há um trabalho realizado hoje pela Universidade em prol dos ingressantes voltado para esta questão de leitura e escrita. No entanto, pensar em estratégias que atendam a necessidade dos alunos é essencial, sobretudo, para a permanência desse. As dificuldades perante a leitura e escrita vão existir, mas com o trabalho da Universidade traçando estratégias que alcancem esses alunos, para que as dificuldades sejam sanadas, é de extrema importância para a vida do aluno ingressante.

Tornar evidente o aluno ingressante e a sua relação com o letramento acadêmico é fazer com que a Instituição como um todo perceba as implicações existentes nessa relação, que é silenciada e pouco investigada. Faz-se necessário entender as causas e condições desse estudante para que se possa haver um debate sobre os primeiros passos dele como sujeito desse espaço e do trabalho de produção de conhecimento e docência.

Desejo que essa monografia possa contribuir com outros trabalhos e que venha a surgir outras pesquisas que falem sobre o letramento acadêmico. Muito me inquieta, como sujeito em formação, como o corpo docente olha para as dificuldades dos alunos quanto a leitura e a escrita; como o corpo docente trabalha em suas aulas sabendo que esses alunos não chegam “prontos”; como lidar com essa questão para que haja maior aproveitamento em suas aulas; como seria o movimento da Universidade em construir o diálogo com professores e alunos para tornar essa linguagem acadêmica mais acessível. Nossos participantes deram algumas pistas que precisam ser ouvidas e consideradas, levando em conta vivências e singularidades destes alunos, sujeitos em processo de letramento acadêmico.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Marcelo M. C. e. Dados de escolarização dos estudantes de Letras e de Pedagogia: em busca dos saberes de formação básica dos futuros professores. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, Santa Catarina. V. 8, n. 1, p. 41-54, jan./jun. 2011. ISSN: 1984-841
- CASTRO, M. M. C. E. ; AMORIM, R. M. A. . Sentidos e Significados Atribuídos à Escrita por Estudantes do Curso de Pedagogia após a Finalização do Trabalho de Conclusão de Curso. **Revista Portuguesa de Pedagogia** , v. 1, p. 51, 2017.
- CRUZ, Maria Emília Almeida da. “O Letramento Acadêmico como prática social: novas abordagens” .**Gestão e conhecimento**, Minas Gerais, v.4, n.1, art. 1, julho/novembro, 2007.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 67-83
- FISCHER, Adriana. **A Construção de Letramentos na Esfera Acadêmica**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.
- FISCHER, A. Letramento acadêmico: uma perspectiva portuguesa. **Revista Acta Scientiarum. Language and Culture**. Maringá. jul./dez., v.30, n.2, p. 177-187, 2008.
- FRANCO, S. A. P.; MOLINARI, A. C. A Leitura e Escrita na Universidade. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 05, n. 10, p.276-294, jul.-dez, 2013.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- JUCHUM, Maristela. **Letramentos Acadêmicos: Projetos de Trabalho na Universidade**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.
- MARINHO, Marildes. A escrita nas práticas de letramento Acadêmico. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 363-386, 2010
- MELLO, M. T. Reflexões sobre as práticas letradas no Ensino Superior. **Trabalho apresentado no GT10, Alfabetização, Leitura e Escrita**, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), São Luís, MA, 2017.
- RAMOS, F. B.; ESPEIORIN, V.M. Letramento acadêmico: leitura e escrita na universidade: entrevista com David Russell. **Conjectura**, v.14, n.2, 2009, p.241-247.
- RODRIGUES, Márcia Candeia. **Gêneros Acadêmicos Escritos: Crenças e Estratégias de Aprendizagem**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, 2012.
- SILVA, O.S.F. Vozes que silenciam, silêncios que ressoam: As (Des)Venturas da Escrita na Universidade. **Trabalho apresentado na Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Educação** (Anped.), Florianópolis, SC, 2015.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos**. Acervo Digital Unesp. Fev., 2004. P. 96-100.

APÊNDICE 1

Questionário para pesquisa monográfica

Prezados, venho através deste, solicitar a colaboração de todos os alunos que ingressaram nos anos de 2017.2, 2018.1 e 2018.2 na Faculdade de Educação da UFRJ para responder esse questionário que é parte fundamental para a conclusão da minha monografia, cujo o título provisoriamente é **Leitura e Escrita na Universidade: um estudo com os ingressantes da Faculdade de Educação/UFRJ**. Desde já, agradeço pela colaboração de todos.

Idade:

Período do curso:

Sobre sua formação, a pedagogia é sua primeira graduação? Se não, indique a sua primeira graduação.

() Sim () Não _____

Você cursou o Ensino Médio:

- () todo em escola pública.
- () todo em escola particular.
- () parte em escola pública.
- () parte em escola particular.

Você cursou o Magistério:

() Sim () Não

Qual modalidade você escolheu ao se inscrever pelo SISU?

- () Ampla concorrência
- () Cotas pra alunos de escola pública
- () Cotas para pessoas de baixa renda
- () Por ação afirmativa: estudantes autodeclarados pretos, pardos e indígenas.

Nas questões seguintes, indique conforme a escala likert o grau de concordância em relação as afirmações abaixo:

- a) **Nos primeiros períodos do curso um dos principais obstáculos encontrados pelos estudantes que entram na Universidade é a linguagem adotada nesse contexto.**

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

b) As práticas de leitura e escrita utilizadas na Educação Básica não são as mesmas utilizadas na Universidade.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

c) Os textos científicos utilizados na Universidade tem uma linguagem difícil de ser compreendida?

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

d) A dificuldade dos alunos se acentua na Universidade pela presença de textos com uma linguagem densa e difícil de ser compreendida?

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

e) A dificuldade na construção de significados para a leitura, ocasiona dificuldades na produção da escrita acadêmica?

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

f) Os alunos encontram dificuldades, de modo geral, quando se deparam com a necessidade de produzir textos pertencentes a gêneros da esfera tipicamente escolar e/ou científica.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

g) O aluno constantemente se depara na Universidade com a obrigação de saber escrever algo que nunca lhe foi ensinado?

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

h) A formação anterior a entrada na Universidade do aluno não é suficiente para suprir as necessidades desse novo contexto.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Indiferente

Concordo parcialmente

Concordo totalmente

Quais dos gêneros discursivos abaixo você já teve contato na Universidade (Marque todos que você teve contato)

Resumo

Resenha

Artigos científicos

Relatório de estágio

Seminário

Apresentação em power point

Ensaio

Sínteses

Fichamento

Blog

Monografia

Teses

Dissertações

Pesquisa

Cartaz

Plano de aula

Plano de curso

Cartaz

Planejamento

Relatórios

Considerando as práticas dos professores em relação a leitura e escrita na Universidade, indique a frequência com que os professores estabelecem essa relação com o corpo discente em sala de aula:

Os professores explicam detalhadamente a estrutura do gênero solicitado?

- Sempre
- Quase sempre
- Às vezes
- Nunca

Na avaliação da produção textual solicitada, os professores focam na organização e gramática?

- Sempre
- Quase sempre
- Às vezes
- Nunca

Ao dar feedback ao texto produzido, o professor faz comentários a respeito do conteúdo trabalhado e sobre a adequação da proposta ao gênero solicitado?

- Sempre
- Quase sempre
- Às vezes
- Nunca

Os alunos se manifestam com o professor quando possuem dificuldades em relação a leitura e escrita em sala de aula?

- Sempre
- Quase sempre
- Às vezes
- Nunca

Você ler os textos com frequência que os professores solicitam para discussão em sala de aula?

- Sempre
- Quase sempre
- Às vezes
- Nunca

Você possui o hábito de ler no cotidiano outros textos sem ser os solicitados na Universidade?

- Sempre
- Quase sempre
- Às vezes
- Nunca

Com relação ao curso, você considera importante que sejam oferecidas disciplinas que tratem especificamente das práticas de leitura e escrita na Universidade?

Você já fez alguma disciplina que focou somente na prática de leitura e escrita na Universidade?

O que você como corpo discente que faz parte do curso de Pedagogia da UFRJ sugere para que as práticas de leitura e escrita possam estar mais presentes no cotidiano da Universidade e dialogando para que possíveis dificuldades possam ser solucionadas?